Literomancia

contos

quadrinhos

resenhas

ilustrações

e mais!

Volume 2 | Nº 7 | 2021

EXPEDIENTE

Volume 2 | Nº 7 | 2021

A Literomancia é uma publicação trimestral e completamente gratuita especializada em Literatura Especulativa. O objetivo da revista é a valorização do criador de histórias como profissional para incentivar e promover o ramo literário.

Capista: Matchuca
Ícones: Pablo Peixoto, Freepik e Smashicons
Diagramação: Luana Nicolaiewsky
Editora e Coordenadora de mídias sociais: Marcela Bezerra
Diretor de redação: Dré Santos
Editora-chefe: Luana Nicolaiewsky
Redatores: Dré Santos, Luana Nicolaiewsky e Marcela Bezerra
Revisão de texto: Marcela Bezerra
Revisão literária: Dré Santos e Luana Nicolaiewsky
Entrevista: Dré Santos

ISSN 2675-1887
Publicação independente
Periodicidade: trimestral
Direção: André Santos (dre.santos@literomancia.com.br)
e Luana Nicolaiewsky (luana.nicolaiewsky@literomancia.com.br)
Endereço: Rua General Jonathas Borges Fortes, 765 – Glória – Porto Alegre/RS – CEP 91710-020

Luana Nicolaiewsky

Graduada em Escrita Criativa pela PUCRS. Publicou em antologia pela editora Bestiário. Trabalha como Editora na Artmed Panamericana.

Dré Santos

Graduado em Escrita Criativa pela PUCRS, foi bolsista de IC em projeto de tecnologia e ficção. Foi publicado em antologias pelas editoras Bestiário, Metamorfose, Flyve, AVEC e na revista Dragão Brasil.

Matchuca

Ilustrador. Trabalha principalmente com pintura digital e tradicional. Ilustrou a antologia *Lovecraft: Re-imaginado*, da Diario Macabro. Estuda Design Gráfico, Animação 2D e Produção de Quadrinhos.

Marcela Bezerra

Graduada em Letras Espanhol pela UFPel. Criou e ministrou curso literário na Galeria Hipotética. Trabalhou com criação de conteúdo para mídias sociais na Sefaz-RS e com produção editorial na Artmed Panamericana Editora.

CARTA AO LEITOR

2020 acabou.

Pudemos respirar um pouco durante as festas de fim de ano. E 2021 está se tornando o ano em que vamos recolher os pedaços. Um ótimo ano para se reinventar e estabelecer novas metas de escrita. Por isso, não deixamos de trazer novidades para esta edição. E o destaque, dessa vez, vai para a nossa seção de serviços!

Sim, recebemos constantemente pedidos e, infelizmente, devido aos nossos outros trabalhos, dificilmente temos a oportunidade de devolver contos revisados ou dar feedback, a não ser pelo caderno Novo Olhar, que traz um apanhado geral do que lemos. Agora, com a nova modalidade de serviços pagos e personalizados que vamos oferecer, nós poderemos conciliar tudo. Lembrando que a revisão dos contos que entram para a revista sempre será gratuita, é claro.

No mais, a equipe deseja aos nossos leitores um feliz ano novo. Que consigam também se reinventar e reconstruir, juntar os pedaços e conciliar tudo.

Bem-vindo à Literomancia

ESCOLHENDO PSEUDÔNIMOS

Dré Santos

A dúvida sobre como escolher um pseudônimo pode assombrar autores que estão recém começando a pensar em uma carreira. É normal. Faz parte do processo. Para falar a verdade, mesmo autores já consagrados ainda param e se perguntam se escolheram o pseudônimo adequado. É algo que assombra todo mundo. Nós, aqui na Revista, não achamos que se trate de algo com o qual um autor precise arrancar os cabelos se preocupando, pois, no fim das contas, o importante é o conteúdo: um bom escritor é lembrado pelo que escreveu, e não porque possuía um incrível e belíssimo pseudônimo.

FERNANDO PESSOA - POR RUI PIMENTEL

Ainda assim, por uma questão de pragmatismo, vamos ajudar o escritor a pensar o seu segundo nome. Lembrando que essas dicas subjetivas são apenas para ajudar alguém a se decidir, não se tratam de leis ou regras fundamentais, e muito menos são críticas às pessoas que já se decidiram, ou algo para fazer com que elas se preocupem mais ainda com sua decisão. Essas dicas não são para quem já se decidiu, mas sim para desatolar quem está confuso. De novo: um bom escritor é lembrado pelo que escreveu, e não por possuir um incrível e belíssimo pseudônimo. Vamos lá.

Primeiro nome estrangeiro. Pode ser tentador escolher um nome estrangeiro. Seja por achar legal ou misterioso. Talvez porque chame mais a atenção de leitores que preferem literatura estrangeira. No entanto, o problema começa quando esse tipo de nome acaba se misturando a outros do mesmo estilo, sendo afogado no mar de nomes estrangeiros que dominam o nosso mercado, sufocando mesmo aqueles que não possuem nomes confundíveis.

Sobrenome estrangeiro. É uma opção melhor do que o primeiro nome estrangeiro. Principalmente se for um nome diferente, que dê destaque ao autor. Hoje em dia, com a

questão das técnicas de SEO bombando pelo universo do marketing digital, escolher um sobrenome único ou raro pode ser uma boa ideia, desde que não seja algo super difícil de pronunciar, afinal, o melhor marketing ainda é o boca a boca.

Cê-cedilha. Uma dica prática. Muitas fontes na internet são criadas por estrangeiros, e por isso seus alfabetos são criados com palavras sem acento ou cê-cedilha, em muitas línguas, esses dois nem existem, e as pessoas nem sabem como pronunciá-los. Quer facilitar a vida da galera que vai colocar seu nome em anúncios, cartazes e revistas digitais? Nomes sem cedilha ajudam.

Abreviatura. Abreviaturas não são mais uma ideia tão boa. Antigamente, elas tinham o objetivo tornar a publicação algo impessoal e criar um distanciamento, ou seja, ou o autor não gostava do nome, ou queria que não descobrissem seu sexo. Esse paradigma, porém, vem mudando. Não é mais tão interessante ser impessoal, pois, para o leitor, não é mais suficiente ler o livro. Ele quer conhecer o autor, ouvi-lo, saber suas opiniões, sentir-se próximo do artista que admira. Essa é uma das principais razões de

AGATHA CHRISTIE - POR KARINA KUSCHNIR

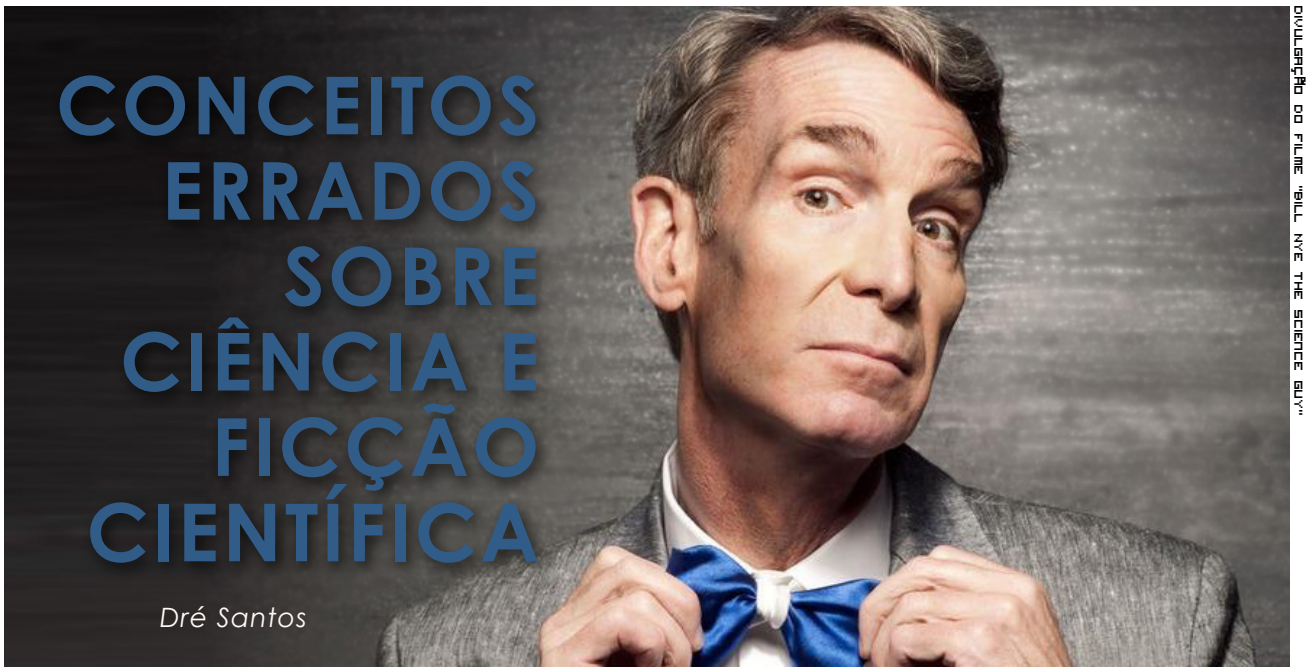
não aceitarmos desenhos ou imagens que não sejam do próprio autor na nossa revista.

Apelidos. Justamente por ser algo mais pessoal, apelidos são uma ótima pedida. Ajuda a tornar a relação entre autor e leitor mais próxima. É claro, há quem acredite que usar apelidos mais carinhosos e "fofos" em livros cujas história trazem temas polêmicos ou "sérios" pode ser estranho, por isso, sim, é importante que o autor tenha uma boa noção do seu tipo de escrita e leitor na hora de optar por um apelido. Uma observação interessante de se fazer é que muitos apelidos são unissex, algo que hoje pode ser melhor do que uma abreviação, caso o interesse do autor seja ocultar seu sexo.

Referências. Nunca use. Sério. É moda entre os influenciadores digitais escolher apelidos legais, mas, assim que eles começam a ser conhecidos, ter seu nome associado a outra marca ou pessoa para sempre não é legal.

Na dúvida, escolha algo com que você se identifique, que seja importante para você e que tenha algum valor pessoal e único. Pois, mesmo que não seja algo tão intuitivo para os outros, você estará satisfeito e não terá problemas em explicar para as pessoas o seu significado. Essa é sempre a melhor pedida.

J. K. ROWLING - DE CSQ MAGAZINE



CONCEITOS ERRADOS SOBRE CIÊNCIA E FICÇÃO CIENTÍFICA

Dré Santos

DIVULGAÇÃO DO FILME "BILL NYE THE SCIENCE GUY"

É difícil escrever ficção científica (FC). Não é o tipo de gênero natural de se escrever, que envolve experiências cotidianas em que basta observação e sensibilidade. Não. A FC também exige um mínimo de pesquisa. E é por isso que este artigo vem para esclarecer alguns pontos envolvendo onde, quando e como um escritor precisa acertar, e o que é ou não passível de liberdade poética. Vamos começar por algumas ideias amplas e depois nós afunilamos.

FC não serve para prever o futuro e nem precisa ser sobre o futuro.

Há vários subgêneros na FC que se passam no presente e até no passado, seja em realidades paralelas ou contando histórias de experiências perdidas.

Você não precisa ser cientista para escrever FC.

Basta uma boa pesquisa para encontrar fatos interessantes e aplicá-los à ficção. Cientistas não necessariamente são bons escritores de FC. Assim como há casos de leigos que se aventuraram no assunto e se saíram muito bem, existem livros péssimos escritos por grandes autoridades na área.

FC não é apenas sobre naves, alienígenas e robôs.

Sim, são os nossos preferidos também, mas ciência é tudo o que se sabe e, por isso, possui muito campo de trabalho. *Jurassic Park* está aí para provar que FC pode ser até sobre dinossauros.

A ciência não é má, o Homem é.

Há quem nos lembre que a natureza é quem tenta nos matar a cada segundo de nossas vidas e é a ciência quem impede isso. Mas não se trata apenas de uma questão ideológica, é um clichê da FC a ideia da tecnologia se voltando contra o Homem. Uma inteligência artificial jamais se voltaria sozinha contra o Homem, pois uma inteligência artificial não é como a inteligência orgânica. Se você der um celular para um cachorro, ele jamais saberá o que fazer com ele, pois, em sua mente, o conceito de navegar na internet é inacessível sem algum tipo de treino ou condicionamento. Isso vale para a inteligência artificial: sem o Homem para mostrar-lhe o que fazer, ela não fará nada.

A ciência não é o mais importante.

Toda história de ficção que existe no mundo é sobre pessoas: seus sentimentos, suas emoções e as mais variadas formas que pessoas podem enxergar a realidade. A história, portanto, é o mais importante. Por que alguém

leria uma história de ficção só pela ciência, afinal? Não seria melhor, nesse caso, ler um livro técnico? Toda história é sobre pessoas, e toda história de FC é sobre a relação dessas pessoas com a ciência.

Liberdade poética.

Você seria destruído pelo efeito espaguete se entrasse em um buraco negro, mas no filme *Interestelar*, de Christopher Nolan, isso não acontece por uma questão de liberdade poética. Mas há situações ainda mais óbvias. Você lembra de alguma pessoa reclamando que *Frankenstein* é inverossímil, pois é impossível reviver pessoas? Claro que não. Nós sabemos disso e escolhemos suspender nossa descrença para poder apreciar a história. É aqui, na verossimilhança interna, que entra a liberdade poética. No "E se" — o chamado elemento especulativo. Quando a liberdade poética não é usada para algo essencial no desenvolvimento da história, como naquilo que se especula, ela se torna um problema. Erros quebram a sensação de imersão e podem estragar a história inteira para um leitor. É como quando você encontra um azulejo com o desenho invertido: ninguém se importa com o fato de todos os outros duzentos azulejos da peça estarem corretos, é o errado que vai incomodar e virar foto em uma rede social qualquer para incomodar pessoas maníacas por organização.

Sabendo de todas essas coisas, vamos a uma pequena coleção de informações interessantes:

- Não é possível analisar as mutações de um vírus apenas olhando pelo microscópio.

- Reatores não explodem; eles derretem.

- Mísseis modernos explodem apenas a partir de uma sequência específica desencadeada mecânica e quimicamente. Uma martelada não explode um míssil. E há mísseis que nem outros mísseis podem explodir.

- Nós usamos apenas parte da nossa capacidade cerebral de cada vez, mas sim, usamos 100% do nosso cérebro. Só não ao mesmo tempo.

- Diferentemente do que se imagina, beber álcool não esquenta. Bem pelo contrário: ele esfria. A sensação de calor é causada pelo nosso corpo criando mecanismos de defesa para tentar nos esquentar.

- A ciência explica sim o voo da abelha.

- Morcegos enxergam.

- Darwin nunca disse que o homem veio do macaco, ele disse que temos um ancestral em comum.

- Um corpo humano não congela imediatamente no espaço, pois é capaz de conservar o calor por algum tempo. Ele perde a consciência em 15 segundos e ainda pode ser resgatado com vida dentro de 2 minutos, desde que a pessoa não prenda a respiração, pois a expansão dos gases irá romper seus pulmões.

- A tecnologia capaz de fazer aliens virem até a Terra é tão complexa que eles não teriam interesse algum em nossos recursos, pois seriam insignificantes para eles.

- Pessoas não são confiáveis. A capacidade de manter algo em segredo é inversamente proporcional à quantidade de pessoas que conhecem o segredo, por isso, quanto mais pessoas estão envolvidas, mais inverossímil é uma conspiração.

- A comunidade científica pode e deve discordar, pois o conflito de ideias faz parte do processo científico. Porém, não se pode discordar de fatos baseados em evidências verificáveis.

A IMPORTÂNCIA DE ESTUDAR

Dré Santos

O escritor iniciante tem a tendência de ser deslumbrado. Ele não tem um guia e, por isso, explora todas as possibilidades. Imita seu autor preferido, usa palavras difíceis que acabou de pesquisar no Google, aplica técnicas de redação do Enem. Ele está atirando para todos os lados. Torcendo para acertar alguma coisa. O iniciante, então, cria várias obras. Mas, sem um guia, é como bater aço e madeira no liquidificador na esperança de sair uma espada. Existe uma coisa que o escritor iniciante não sabe e não compreende, e a única maneira de descobrir é sendo ensinado.

A história só fica pronta de verdade quando está dentro da cabeça do leitor.

Isso significa que o que está escrito no papel são só palavras. Símbolos colocados de forma ordenada. É o cérebro que interpreta esses símbolos. Não sabendo disso, o iniciante não entende que o que ele colocou no papel tem seu sentido complementado pelo seu próprio cérebro. **O iniciante não entende que a história dele nunca vai ser tão boa na cabeça de um leitor quanto é na sua.** Um escritor experiente, porém, não só entende isso, como aprende a contornar o problema por meio do estudo.

Quando se domina as técnicas, é possível planejar uma história com máxima eficiência, centrada no objetivo específico de alcançar o efeito desejado no leitor. Um bom músico sabe qual o tom e a ordem de notas deve usar para expressar a dor de um interlocutor. Um ritmo de punk rock, sem dúvidas, mudaria o significado de uma música da Mallu Magalhães. Um bom pintor também sabe quais cores e texturas usar para simbolizar a dor. Tente imaginar "O Grito", de Edvard Munch, pintado no estilo do Romero Brito. Traria um significado totalmente diferente. Sabendo disso, por que o escritor acredita que apenas algo como "sentiu uma dor excruciante" é o suficiente para, de alguma forma, expressar dor?

Não. Um sentimento é expressado em uma história ao ser construído ao longo de toda uma grande extensão do texto, quando não compreende ele por inteiro. Tudo através de uma observação cuidadosa no uso da pontuação, escolha de palavras em cada trecho, simbologia de cada expressão, verossimilhança interna e externa, poder de criar identificação, capacidade de síntese, poder descritivo, capacidade de selecionar o essencial e enxergar o texto como um todo — **tudo isso não para conseguir colocar no papel o que está na sua mente, mas sim, colocar na mente do leitor, através do papel, aquilo que está na mente do autor.**

Nada disso se aprende sem estudo. Mesmo a leitura constante é insuficiente, porque se você não souber analisar o que está lendo com o olhar correto, não entenderá quais as características literárias que o autor aplicou naquele texto que lhe chama a atenção, e o produto desse tipo de autor acaba se tornando um emaranhado dos seus estilos preferidos de escrita, e o valor literário que sua história poderia ter alcançado acaba se perdendo. Apenas entender o português também está longe de ser o suficiente, afinal, ser mecânico pode ajudar muito, mas não é saber como funciona o motor que transforma um motorista em piloto. Toda arte é prática, expressão e técnica. Você precisa de técnica e prática para transformar um sentimento em expressão. De ambas, a técnica só se desenvolve

estudando escrita criativa.

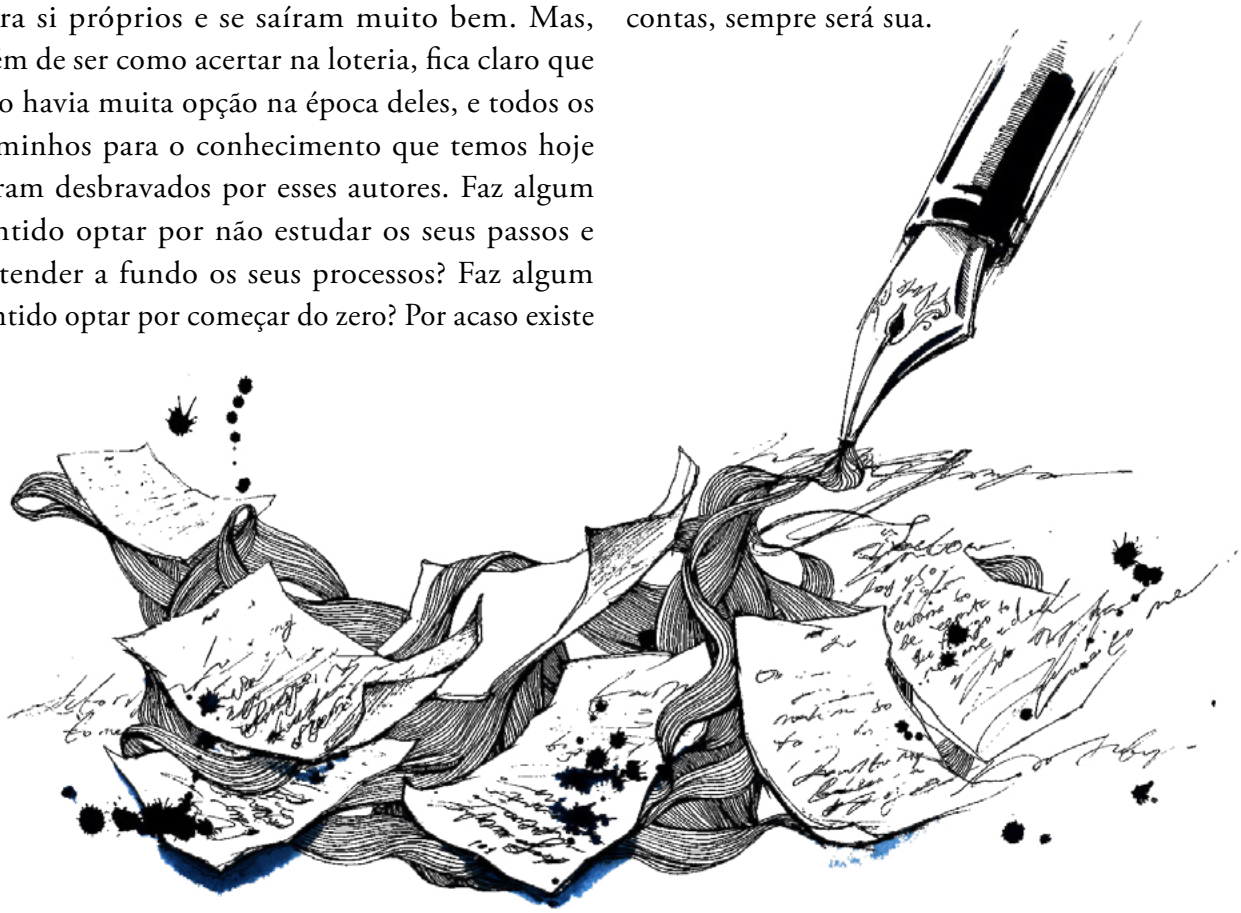
O autor inexperiente possui um momento mágico, que acontece quando alguém realmente experimenta editar seu texto. Para o iniciante, existirá o antes e o depois desse dia. Porque é nesse dia que se abre a oportunidade de ser, pela primeira vez, direcionado. Se o autor inexperiente for esperto, irá entender que lhe falta algo e irá procurar alguma forma de estudo que esteja ao seu alcance e, assim, irá iniciar sua busca pelo aprendizado e nunca se sentirá satisfeito. Há, porém, outro tipo de escritor iniciante. Que está apegado demais à imagem mental que seu próprio texto lhe proporciona e não tem interesse em abrir mão dela, sacrificando o poder de chamar a atenção de um leitor para agradar apenas a si mesmo, torcendo no íntimo para que, ao agradar a si, acabe agradando a outros. O resultado é o fracasso, e um escritor que acredita que ninguém possui o nível necessário para compreender seu texto.

Um escritor deve sempre escrever para um leitor, nunca para si.

É claro, existem escritores que escreviam para si próprios e se saíram muito bem. Mas, além de ser como acertar na loteria, fica claro que não havia muita opção na época deles, e todos os caminhos para o conhecimento que temos hoje foram desbravados por esses autores. Faz algum sentido optar por não estudar os seus passos e entender a fundo os seus processos? Faz algum sentido optar por começar do zero? Por acaso existe algum outro ramo de todos os campos do saber humano que opte por jogar fora seu conhecimento por vontade própria e recomeçar do zero sempre? Existe alguém que opte por tentar construir um avião sem ler livros sobre aerodinâmica, apenas porque não quer ser influenciado pelas ideias dos outros? Se não por isso, por que alguém faria algo do tipo?

Se você não quer que o leitor seja parte da sua obra, então, por que quer que alguém leia o que você escreveu?

Existem vários lugares por onde você pode começar a estudar. A internet é o primeiro e mais óbvio. Existem não apenas revistas, canais de vídeo e blogs, mas em sites de faculdades há bancos de dados gratuitos por onde é possível fazer download de artigos científicos. Após ler esses artigos, procure nas referências por autores que possam ter lhe chamado a atenção e tente de alguma forma adquirir o livro. Oficinas são ótimos lugares para a prática, mas são os cursos que realmente ensinam a técnica. Mas não dependa apenas dos cursos. A responsabilidade, no fim das contas, sempre será sua.



[novo OLHAR]

Este pequeno caderno especial é um apanhado dos problemas que encontramos nos textos que nos foram enviados. Lembrando que nada do que você vai ver aqui está direcionado a um texto específico. Pelo contrário. Aqui, você irá encontrar problemas recorrentes e que, caso você tenha caído em algum deles, esperamos que tenha a oportunidade de observá-lo e melhorá-lo, se achar necessário.

Violência para chocar. O cinema inaugurou essa modalidade de história cujo objetivo não é contar uma boa história, mas sim, trazer sequências de cenas de ação, violência e até sexo apenas pelo efeito. Não se trata de uma crítica, pois tal tipo de história tem seu valor no cinema. A questão é que, no conto, o objetivo precisa ser a história, se não, ele se torna rapidamente maçante e sem graça.

Grande mestre. Recebemos muitos contos ao longo das edições, em que o personagem principal se encontra com um grande mestre da literatura e conversa com ele. É um tipo de conto que tem seu valor, mas que vem se tornando repetitivo e nos faz sempre questionar o quanto esse tipo de texto mais filosófico se enquadra na proposta da revista, que é focada na ficção especulativa.

Só descrição. Se nada acontece, não há reviravoltas, evolução de personagem, ação e reação, não há sequer o retrato de uma situação, sociedade ou tempo, não se trata nem de questionar as características especulativas da obra, mas sim de debater se o que você escreveu é mesmo um conto. Talvez se trate de uma crônica; mas a Literomancia não aceita crônicas. Você sempre deve se fazer esta pergunta: "Que história eu quero contar?".

Linguagem. Um problema muito comum não necessariamente é ter um texto rebuscado demais ou coloquial demais, mas perceber que a linguagem escolhida não se adequa ao conteúdo do texto. Nós somos uma revista de fantasia, ficção científica e terror, se sua linguagem não está a serviço da história e desses gêneros, ela não vai funcionar para o público leitor.

Para/pra. Se quiser usar o "pra" no lugar do "para", use porque faz sentido com o tipo de narrador (e use ao longo do texto todo) ou aplique apenas em diálogos, mas só faz sentido se realçar algum traço do personagem. O mais importante é que a linguagem tenha consistência ao longo da narrativa e que seja coerente com o que ou quem fala.

História boas. Recebemos muitos contos com histórias ótimas, mas que, infelizmente, estavam mal escritas. A importância de estudar escrita criativa está em, justamente, ser capaz de tirar proveito de uma boa ideia. Refinar a aplicação da escrita até o máximo de sua eficiência. Editoras, revistas, antologias, leitores, tudo o que eles querem é uma ideia boa com uma ótima execução, o resto é apenas critério de desempate.

IRKA BARRIOS

Contista, novelista e mestre em Escrita Criativa (PUC-RS), já foi premiada no Concurso Brasil em Prosa (2015), com o conto *O coelho branco*, e uma das finalistas do prêmio Jabuti na categoria Romance de entretenimento (2020), com *Lauren*, seu livro de estreia. Atua na organização do coletivo Mulherio das Letras – RS. Tem contos publicados nos livros *Língua Rara* (Ediciones Outsider, 2017), *Cem anos de amor, loucura e morte* (Editora Moinhos, 2017) e *Não culpe o narrador* (Editora Bestiário, 2018).

LT — Olá, Irka, seja bem-vinda à Literomancia! Nos fale mais a respeito de você, como surgiu o interesse pela literatura, qual sua relação com a literatura fantástica em específico.
Irka — Olá! Muito obrigada pelo convite! Meu interesse pela literatura vem desde a infância. Minha história é bem parecida com tantas outras histórias: eu lia diversos autores. Quando criança, eu tinha predileção por histórias de terror e de mistério. Da coleção Vaga-Lume até Agatha Christie foi um caminho natural. Ainda na adolescência, me deparei com as escritas de Lygia Fagundes Telles e Gabriel García Márquez, autores que me apresentaram um mundo todo novo. A literatura fantástica sempre foi, na minha opinião, uma excelente forma de contarmos nossas mazelas. Por isso, eu nunca passei pelo momento em que se questiona ou tenta distinguir os "tipos de literatura". Na minha classificação pessoal, tudo é literatura. Sempre foi.

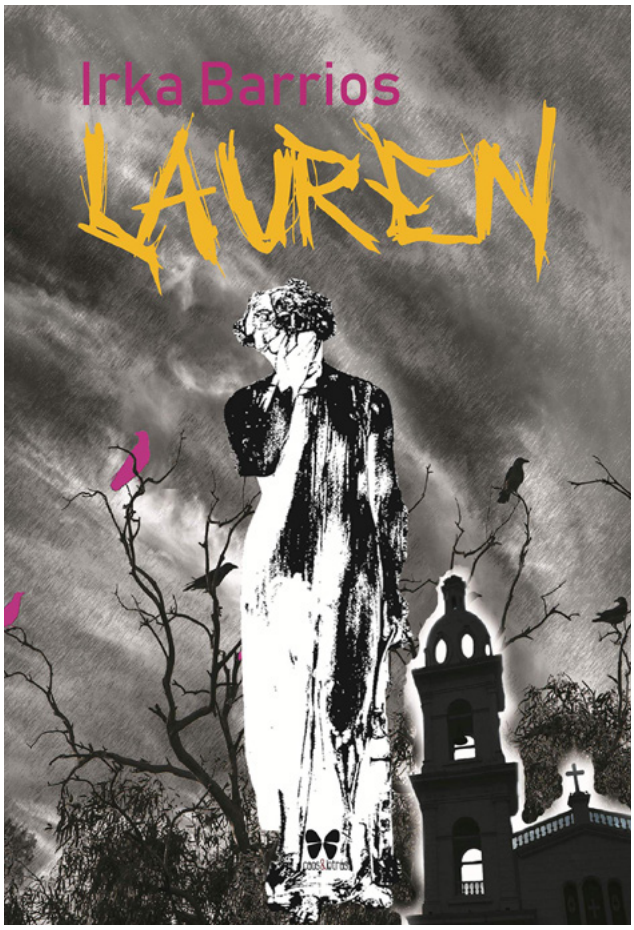
LT — Irka, você é mestre em Escrita Criativa. Que diferencial esse seu lado acadêmico traz para a sua escrita?
Irka — Muita diferença! Eu venho de outra área, da Saúde, que é distante das Letras, embora eu nunca tenha me afastado da literatura. Meu pai, minha mãe, tios, tias e avós são grandes leitores. E eu segui o mesmo caminho. Mas quando decidi escrever, percebi que precisava aprender a domar o meu texto. Precisava compreender as técnicas, as críticas, compreender a mágica que os bons autores fazem com as palavras no momento em que querem contar uma história. Outro fato que me conduziu ao mestrado foi o gosto pelo ambiente acadêmico. Excelentes trocas literárias são possíveis na academia. Desde o dia em que ingressei, só tenho elogios aos professores, alunos e funcionários da Escola de Humanidades da PUC-RS.

LT — Você se considera uma escritora profissional? O que define esse profissionalismo?
Irka — Pergunta difícil... Se pensarmos na escritora profissional como alguém que tem uma rotina diária e que desenvolve uma disciplina em que a escrita é o centro do interesse profissional, eu não sou. Eu

sigo trabalhando no consultório e isso (felizmente) me propicia uma higiene mental. É como se uma atividade limpasse a mente para eu exercer a outra. E é interessante a Literomancia me fazer refletir sobre isso, porque às vezes (muitas vezes) eu reclamo que tenho pouco tempo para escrever. E inexplicavelmente eu arranjo esse tempo quando estou em períodos normais de trabalho, quase nunca nas férias. Quanto à imagem da escritora profissional, penso que é alguém (alguma sortuda ou sortudo) que consegue viver de sua escrita. Não acho que eu chegue lá um dia, mas por enquanto estou satisfeita com as duas atividades distintas competindo pelo meu cérebro.

LT — O livro *Lauren* se passa em uma região interiorana e aborda desde temas adolescentes até satanismo e assassinato e, o mais interessante: fanatismo religioso. O que levou você a esses temas?
Irka — Tive muitas inspirações para escrever *Lauren*. Uma bem perceptível é a *Carrie*, de King. Inspirei-me nela, pois queria contar uma história de repressão religiosa nos tempos atuais (até porque é desesperador verificar que, neste campo, pouca coisa mudou de 1970 para cá). Também queria contar uma história que vinha de dentro (*Carrie* é contada de fora, a partir das pessoas que presenciaram os fenômenos). Minha ideia era acompanhar de perto o que passa na cabeça de uma garota reprimida do século XXI. A segunda inspiração, não tão perceptível, foi uma garota que viveu no interior, cidade vizinha à que nasci e alegava ter poderes sobrenaturais. Na época, houve muito barulho em cima da notícia, as pessoas apareciam na frente da casa da moça para presenciar os alardeados fenômenos. Mas eu não quis evidenciar a referência porque a Leonice morreu cerca de dez anos atrás e achei que a simples menção sem uma melhor contextualização poderia ofender a memória dela. A terceira inspiração, que poucas pessoas reconhecem, é o casal Inês e Pedro. Só que não se trata do casal de portugueses. É uma espécie de homenagem a Inés de Suarez e Pedro da Valdívia, o casal que fugiu do Peru para viver seu amor e acabou fundando Santiago do Chile. Gosto muito da Inés, que era uma lutadora. Alistou-se e brigava de igual para igual na linha de frente da batalha. No museu de Santiago (acho que é o museu da cidade de Santiago), tem um quadro dela lutando com uma espada. Claro que tem a parte feia da história, que é o cerco aos Mapuches. A História nunca é bonita, infelizmente. Por fim, a quarta referência é a obra *Incidente em Antares*, de Érico Veríssimo. Gosto muito dessa obra, com enorme crítica política e social e atmosfera sobrenatural.

LT — Nos fale um pouco a respeito do financiamento coletivo do seu livro. Quais foram as etapas, da busca pela editora até a luta pelo financiamento?
Irka — Quando eu decidi publicar *Lauren*, tive as mesmas dificuldades que qualquer autor independente tem. Procurei algumas editoras que já haviam sinalizado interesse. Mas tudo é lento no mercado editorial, a aposta em um autor estreante envolve muitas questões. Só que eu tinha pressa, havia um grupo de leitores muito a fim de ler a história de *Lauren*. No fim, tudo na vida é meio acidental, e, a partir de uma conversa



despretensiosa com o Eduardo Sabino, soube que ele estava reativando o projeto Caos & Letras. Eu me empolguei com o projeto dele, ele se empolgou com o meu original e a parceria deu super certo. Como era o segundo lançamento da editora, Du e Rato (Cristiano Rato, também editor da Caos & Letras) decidiram fazer o financiamento coletivo como forma de pré-venda do livro. E deu super certo, muita gente apoiou e o projeto *Lauren* saiu do forno.

LT — Como foi ser finalista do prêmio Jabuti? Você esperava?
Irka — Não esperava. Imagine! Foi um sonho, a melhor notícia de 2020! Depois, descendo um pouco da nuvem que me suspendeu por duas ou três semanas, pude compreender o quanto a indicação foi importante para *Lauren*. O livro voltou a circular, as pessoas perguntavam, liam, comentavam. Recebi bons convites, para oficinas, entrevistas, participação em feiras. Na Caos & Letras, os editores receberam diversos originais para analisar. Outra coisa muito boa é o aumento do interesse pelas narrativas de terror (sei que há diferenças, mas eu prefiro o termo Terror, bem na onda dos conceitos de Ann Radcliff). Isso tudo me alegra demais porque vivemos tempos de produção e consumo de literatura de terror. Por motivos óbvios.

LT — Qual a sua visão a respeito do mercado literário atual e quais suas expectativas para o pós-pandemia?
Irka — Noto que o mercado está bem retraído, o que é compreensível. Acho que todos estão apreensivos com o que o futuro nos reserva. Por esta ótica, sinto-me bem sortuda de ter lançado em 2019, com o mercado um pouco mais acessível. No final do ano passado, eu reuni um volume de contos que dialogam. Gostaria de publicar, mas não sei se encontraria editora nesse momento incerto. Decidi não insistir, sou meio bruxa também e, por enquanto, algo me diz que *Lauren* ainda merece meu foco de divulgação. Isso (de ser meio bruxa) me ajuda nas ansiedades tão comuns que rondam a cabeça dos escritores. Sofro quando não consigo escrever, sofro quando não leio e quando não estudo. Mas o mundo pós-pandemia ainda está incerto, apesar de eu ter acordado otimista hoje.

LT — Para quais pessoas você, como mestra, recomenda o estudo da escrita criativa e por onde deve-se começar?
Irka — A escrita criativa é bem ampla e se estende por muitas vertentes interessantes. Hoje, dentro da academia, há cada vez mais alunos estudando as ditas literaturas de gênero, diferentemente de poucos anos atrás, quando a maioria se interessava por uma literatura mais clássica. Também há um grupo de mulheres muito interessado em resgatar e trazer ao debate as autoras feministas, o que está sendo um movimento belíssimo. A literatura negra e a literatura indígena estão sendo resgatadas e ocupando seus lugares de direito. Assistir a isso é uma oportunidade e tanto. Dentro do Terror, me interessa o resgate das mulheres que escreveram e escrevem. Eu pesquiso a opressão da personagem mulher dentro das narrativas de terror/horror, o que dá um fio interessantíssimo. Recomendo a Escrita Criativa para todos e para qualquer interessado. Acho que a escrita deve ser cada vez mais ampla e plural. Imagine uma notícia de um país que possui pequena produção editorial? Triste, né? Prefiro viver em um lugar que, mesmo com tantas dificuldades, é conhecido por ter boa produção editorial. A pergunta "por onde o aluno deve iniciar?" é um pouco mais difícil de responder. Acho que pelos autores que o motivam.

LT — Que mensagem você daria àqueles que desejam seguir carreira como escritores?
Irka — Não vou tentar inovar nesta pergunta. A dica é o bom e velho clichê: leia muito. A leitura amplifica a escrita. E é incrível como, mesmo inconscientemente, "roubamos" formas, estilos, termos e palavras de nossos autores favoritos. Outra dica é: tenha paciência. Um texto demora a ficar pronto. Na ansiedade de publicar, o autor acaba esquecendo que o livro que está exposto na livraria passou por inúmeros processos.

NOVOS SERVIÇOS

A partir de hoje, a equipe da Literomancia está oferecendo paralelamente serviços personalizados de revisão, crítica, mentoria, diagramação, ilustração e até mesmo elaboração de capas. Porém, antes de irmos adiante, vamos deixar claro que a revisão dos contos publicados na Revista continua inteiramente gratuita, e a Revista não publicará material que seja produto de nossos serviços externos. Os valores foram preestabelecidos, mas, para todos os serviços, podem ser negociados, a depender da complexidade, prazo, quantidade, etc. Saiba mais em **contato@literomancia.com**

EDITORIAL

com Luana Nicolaiewsky

Diagramação (R$5,00/lauda diagramada) — Este é o processo de transformar seu texto em livro, deixando a obra prontinha para ir à gráfica ou ser publicado *online*.

TEXTUAL

com Marcela Bezerra

Revisão gramatical (R$5,00/lauda) — Abrange todos os aspectos necessários para o sucesso do autor quanto à norma culta da língua, respeitando o contexto de cada obra.

AUTORAL

com Dré Santos

Mentoria (R$20,00/hora) — Um mentor literário é como um técnico e professor. Ele irá ajudar você com uma agenda de escrita, estabelecerá metas, organizará a estrutura, fará a leitura de trechos e pode até ajudar a encontrar bons locais de publicação. Importante deixar claro: ele não irá escrever por você.

Leitura Crítica (R$8,00/lauda) — A leitura crítica envolve perceber furos na história, destacar problemas de estrutura, incoerências, adequação ao gênero e ao público e originalidade. Trata-se, portanto, de um tipo de serviço criado para ser feito antes da revisão.

CONCEITUAL

com Matchuca

Capa/contracapa (a partir de R$ 600,00 cada) — Ilustrações de capa originais e personalizadas para seu livro.

Ilustração interna (a partir de R$150,00 cada) — Ilustrações personalizadas para preencher as páginas da sua obra.

Obs.: Os valores das ilustrações são para pessoas físicas apenas, e podem ser negociados dependendo da complexidade, prazo, etc. Esses valores são referentes a um produto em específico. Seu uso posterior em materiais de divulgação, novas edições, formatos ou plataformas deve ser negociado com o artista.

MITHOS

Nosso diferencial é querer dar prioridade àqueles que querem seguir carreira artística. Queremos nos tornar um outdoor de futuros grandes autores. E, por isso, essa não é a última vez que você irá ouvir falar dos escritores que publicamos. Além das atualizações constantes em nossas redes, agora você pode conferir e acompanhar a carreira de todos os nossos autores por suas páginas de perfil em nosso site. Clique aqui e descubra mais!

Nesta edição

Mais uma leva da contos maravilhosos chegaram. Contos que nos chamam a atenção pela história não apenas bem escrita, como também bastante surpreendente. Flertando com o estranho, temos o conto *Dupla personalidade*, de Bibiane Ferreira; as histórias de uma taxista no conto *Estige*, de Davi Moreira Busquet; a virada surpreendente em a *Loira do banheiro*, de Diego Casagrande Soares; os mistérios que um homem simples pode guardar em *Egito Antigo*, de Gabriel Moura; os monstros traiçoeiros de *A caverna*, de Guilherme Lopes Lacerda; e as terríveis verdades em *Prato principal*, de Maurylia Maria Loureiro.

Por fim, mas não menos importantes, dois autores que estão revisitando a nossa revista com outros dois novos contos. Vitória Vozniak, com o conto *Kōshin*, e William Fontana, com o conto *A mala*.

Clique aqui e envie seu conto!

A CAVERNA

Guilherme Lopes Lacerda

Estavam ali há quanto tempo mesmo? Dias poderiam ter passado e Castella nem ao menos notaria. Não podia confiar em seu estômago para marcar o tempo, a fome tinha lhe abandonado. Tudo que via era a claymore de Ivan, emoldurada por suas costas largas. Os cabelos castanho-escuros de seu amigo recebiam um tom diferente, indo mais ao preto.

Não conseguia ver as paredes da caverna, tampouco o teto. Cada passo era igual e, ao mesmo tempo, diferente, sempre avançavam, mas nunca encontravam algo além do chão de pedra. A tocha na mão de Ivan lançava um fraco brilho laranja ao redor deles, crepitando e oscilando, como se a escuridão tentasse abocanhá-los.

— Talvez a gente devesse voltar, nem sabemos onde estamos indo — sussurra Castella, quebrando o silêncio e as passadas rítmicas dos dois.

— Ah para, foi você quem insistiu para virmos. Vai dar para trás agora? — diz Ivan, se virando para seu colega e revelando feições duras e quadradas.

— Eu não insisti. — Castella balança o dedo indicador. — Eu só disse que queria investigar a ilha.

— Sim, por um mês. — Ivan se vira e volta a caminhar. — Até agora estamos bem, nem tocamos na comida ainda.

Castella o segue. Alguns minutos se passam (ou seriam horas?), mas nem sinal de minérios ou pedras preciosas. Estava claro que era uma jornada perdida.

— Realmente acho que devemos voltar.

— Ah para, não vamos voltar agora. Aliás, ouve isso?

Castella fica em silêncio, ignorando o som das batidas do próprio coração. Ele consegue ouvir um leve correr de água. Não vem de muito longe. Devem estar perto de um posto de descanso dos mineradores nordenhos. Porém, é estranho, se estão perto de onde mineradores ficam, onde estão as marcações e sinais humanos que uma caverna assim deveria ter? Ainda assim, a curiosidade toma conta dele, afastando os pensamentos negativos.

— Vamos lá, hora de descobrir como os nordenhos conseguem tantos minerais valiosos! — diz Castella, caminhando à frente de Ivan pela primeira vez desde que entraram ali.

Os dois se apressam pela escuridão, avançando cada vez mais, as botas ressoando na caverna. Então, escutam um bater de asas ao longe, um pouco atrás deles, mas logo se aproxima. Os homens não são capazes de ignorar esse novo som. Chegando perto, o ruído passa ao seu redor como um vulto, fazendo a chama da tocha vacilar, e então, o som para.

Castella sente uma mão no ombro e é puxado para trás por Ivan. Seu velho amigo já entrou na mentalidade de combate, sem piadas, sem relaxamento, o rosto impassível como o de uma estátua. Ele alcança a tocha para Castella, retira a claymore da bainha e avança com a espada em riste.

Não precisam dar nem três passos para que a tocha revele o ser à sua frente. Os olhos são os primeiros a serem notados, laranja-claro e esbugalhados, quase brilhando junto ao fogo. Um rosto peludo com focinho longo. Acima disso, um corpo envolto pela densa escuridão. De cabeça para baixo e segurando-se em um lugar que Castella não consegue identificar. A cabeça da besta paira no mesmo nível que a deles.

Os homens encaram a besta e são encarados de volta. Aqueles olhos parecem analisá-los. Ivan

desliza o pé um pouco para o lado, flexionando os joelhos.

— Não deveriam estar aqui — diz a besta, com uma voz fina e guinchada. Seja lá o que Ivan pretendia fazer, ele para na mesma hora. — Não podem entrar aqui.

"É inteligente! Podemos conversar", pensa Castella. Ele ouve o farfalhar de asas logo acima de si e a ideia de diálogo foge da mente. Não precisa de fogo para enxergar o mar de olhos alaranjado no teto; sua bexiga quase o abandona.

Ele se aproxima mais de Ivan, tocando o ombro do amigo. Ivan, com a boca meio aberta, volta-se para o teto da caverna. O olhar impassível de antes não está mais em seu rosto. Em um movimento rápido, ele guarda a espada e se vira.

Castella sabe que seu amigo não é nenhum covarde, puxa brigas demais, inclusive algumas que sabe que não vai ganhar. Exatamente por isso, ele corre atrás de Ivan quando o homem bate em retirada. Foi um movimento planejado, caso algo de ruim ocorresse, fugiriam sem parar.

— Não vão! Fiquem aqui! — grita a besta.

A fuga deles quebra o silêncio da caverna, dezenas de sombras passam voando pelo seu lado, por sua frente, por trás. Cada minuto corrido torna a respiração mais difícil para Castella, o ar fica entalado em sua garganta, o coração bate tão rápido que é capaz de parar a qualquer segundo. O resto é ignorado, até mesmo os suprimentos são jogados fora.

Em algum momento, as criaturas param, mas os dois, não. Suas pernas só se rendem quando encontram a luz do sol e saem da caverna.

Assim que seus pés tocam a grama, os joelhos cedem e Castella se apoia no chão com os braços, que, apesar de não terem sido usados, pareciam capazes de desabar a qualquer momento. Tenta puxar o ar em vão, o que vem é uma náusea forte, um revirar de estômago. Bota para fora o pouco que tinha na barriga. Quando termina, sua cabeça já consegue pensar em algo além de fugir. Castella se levanta e olha para Ivan. O amigo está em melhores condições, pálido como a lua, mas se mantém em pé.

— Precisamos avisar os nordenhos — Castella fala, sua voz sai fraca. — Aquelas coisas... eles precisam saber.

Após reunir suas forças, Castella e Ivan seguem em direção à cidade. Ao longe, conseguem ver apenas as enormes árvores que ficam atrás da cidade.

— Então, vamos ver se eu entendi — diz Zar, com um rosto sério. O homem era marcado pelo tempo, os cabelos esbranquiçados e dentes faltando eram um indicativo disso. Ainda assim, ele era forte, seus braços e pernas grossos fariam qualquer um pensar duas vezes antes de puxar briga. — Vocês entraram em uma caverna e encontraram seres voadores gigantes tomados pela escuridão?

— Exatamente! — Castella bate duas vezes de leve com a mão no tampo da mesa onde os três homens conversam. — Eu sei que parece maluco, mas é a verdade.

— Eu nunca disse que não acreditava em você. — Zar suspira e baixa a cabeça. Ele coça os olhos com uma mão, então levanta o olhar e continua em tom mais baixo: — São os Garara. Terríveis monstros que vivem na região. Temos um pacto, não invadimos suas cavernas e eles não nos matam todos de uma vez só.

— Fizeram um pacto com aquelas bestas? — pergunta Ivan, que até agora bebia em silêncio.

— Não tivemos escolha. Nosso povo chegou aqui há quase uma centena de anos, procurando uma vida melhor. Fomos ignorantes e, quando notamos, já estávamos em suas garras. — Zar balança a cabeça. — Não pedimos ajuda de fora, não tem como. São milhares de demônios, eu digo. Tudo que podemos fazer é baixar a cabeça e obedecer, aceitando as migalhas que oferecerem enquanto os nossos são levados.

— Espera um pouco, esse pacto... quebramos ele hoje. Isso significa... — Castella não termina a frase, mas Zar entende e assente.

— Eles virão hoje à noite.

— Estamos mortos. — O corpo de Castella desaba e esbranquiça. — Não deveríamos ter

vindo aqui.

— Não deixarei vocês morrerem. — Zar coloca a mão no ombro de Castella. — Vocês não merecem destino tão terrível.

— Mas o que faremos? — Castella olha para fora por uma janela. — Mais alguns minutos e será noite!

— Vou pensar em algo. — Zar olha para uma mulher que estava passando. — Senhorita, por favor, traga mais uma cerveja a meus companheiros aqui.

Os três continuam bebendo em silêncio. Qualquer assunto que poderiam ter desapareceu com o anúncio de sua provável morte. De vez em quando, Zar lançava-lhes um sorriso nervoso, mas Castella sabia que era apenas para tentar acalmá-los. Os raios de luz que restavam do dia se vão, e logo começam a ouvir o bater de asas.

Zar se levanta.

— Venham comigo, tenho um plano!

Eles disparam para fora da taverna e correm pela cidade. Era um local estranho, todas as construções pareciam ter sempre o mesmo tamanho e, no meio das ruas, alguns metros acima do solo, havia grades de metal espalhadas cobrindo boa parte das ruas da cidade. Castella não tinha entendido para que serviam no começo, mas agora sabe. Deve ser o que conseguiram fazer para se proteger das bestas.

Logo os homens se aproximam de uma carroça cheia de frutas gigantes, quase do tamanho de Ivan, possuem uma casca verde e grossa. Castella se esquece como se chamavam essas frutas, sua cabeça não funciona tão bem como deveria.

Ao lado da carroça, há alguns barris grandes de madeira. Zar se aproxima e os abre.

— Aqui, entrem aqui!

Sem questionar, Ivan e Castella entram em um barril cada, e Zar tampa os barris em seguida. Castella nota que está pisando em algo mole, mas consistente, e que esse algo fede muito. Ele não reclama, melhor perder o nariz do que a vida.

O farfalhar de asas se aproxima, mas logo para. Ele coloca a mão sobre o nariz e a boca, tanto para não fazer barulho quanto para diminuir o mau cheiro. Alguns segundos se passam, e ele ouve novamente aquela voz aguda, igual a que ouviram na caverna:

— Pensei ter mandado ninguém invadir nossas cavernas!

— Me desculpe, me desculpe — diz Zar. — Eles eram viajantes, não sabiam!

— Não importa! Traga-os aqui, qualquer um que invadir precisa pagar com a carne.

— Garahem, senhor, eles já foram.

Segundos em silêncio se seguem. O coração bate tão forte que Castella teme que a besta o descubra.

— Dois invadiram, dois precisam pagar. E vou começar por você, seu imundo.

— Não, por favor, não!

Castella ouve um som característico de carne sendo cortada e rasgada. Lágrimas descem pelos olhos e mijo escorre por suas calças. Amaldiçoa a si mesmo por ter ido até ali, por ter causado a morte de Zar.

— Não vou me esconder como covarde! — A voz de Ivan surge ao seu lado, um grito de palavras trêmulas.

Estão mortos, Castella sabe disso. Zar foi na frente e agora será Ivan. Castella certamente é o próximo. É justo ele ficar escondido? Não é, ele sabe disso. Põe a mão no cabo da adaga e se levanta. Se for para morrer, que seja de forma decente e não todo mijado em um barril fedido.

O que ele vê o deixa paralisado. Ali, com a ajuda de lamparinas, Castella enxerga melhor o Garara. Tem quase dois metros e o rosto parecido com um cachorro. Os pelos no corpo variando entre tons de marrom e laranja. E claro, as asas enormes de morcego.

De ponta-cabeça, pendurado pelas garras dos pés nas grades de metal, o Garara possui em uma das mãos um pedaço cortado da fruta que Castella viu antes. Ele leva a fruta até a boca e dá uma mordida.

— Sua carne é deliciosa, Zar — diz Garahem, com a boca cheia.

— Acho que pode parar agora, nossos

convidados estão confusos. — Zar aponta na direção de Castella e Ivan, que empunha a claymore.

— Hã? — É tudo que Castella consegue botar para fora.

— Vocês quase pisaram em uma parte perigosa da caverna; o chão é traiçoeiro lá — diz Garahem, dando outra mordida na fruta.

— Castella e Ivan, esse é Garahem, um amigo da tribo dos Garara — diz Zar.

Castella ainda não acredita, deve ser um truque elaborado.

— Mas... e a história do pacto?! A morte do seu povo!

— Ah, aquilo? Eu só queria ver até onde vocês acreditavam em mim. — Zar sorri. — Vocês foram bem longe, até entraram em um barril cheio de cocô de Garara.

Ivan baixa os braços, largando a claymore no chão.

— Ah, para.

Guilherme Lopes Lacerda

Crio fanfics e personagens próprios que não saíram da minha cabeça desde que me conheço por gente. Na adolescência, passei a criar e participar de aventuras de RPG com amigos e gostei da coisa, mas foi só em 2017 que comecei a escrever mais seriamente. Primeiro como um hobby para descontrair, depois não consegui mais parar, e agora pretendo seguir profissionalmente.

LOIRA DO BANHEIRO

Diego Casagrande Soares

Percorrer todo o labirinto, cada cantinho, era a única forma de sair dele. Não havia outra alternativa. Faltava pouco, mas quando o objetivo já estava próximo, ele ficou cercado por dois fantasmas.

Um pelo lado sul do labirinto e outro pelo norte. Paralisou, sem saber o que fazer só por um piscar de olhos, tempo suficiente para impedir a fuga por oeste — um terceiro fantasma veio ao seu encontro por essa direção. Ao leste existia uma parede.

O cerco se fechou, era impossível escapar da morte. Os três fantasmas o alcançaram quase simultaneamente para matá-lo. Game over.

— Pronto! Chega de Come-Come por hoje.

— O nome dele é Pac-Man, mãe. Deixa eu jogar só mais uma vida?

— Alfredo, você tinha me pedido isso da última vez. Seu pai já está dormindo, e agora nós também vamos, você tem aula amanhã.

— Posso tomar um pouquinho de Coca, então? — arriscou sem convicção.

— A essa hora? Nem pensar! Mas eu te faço um chazinho... assim você dorme bem.

O Pirralho concordou, crianças gostam de cidreira, docinha... Ele já tinha 10 anos, mas era mimado como um menino de cinco, culpa da mãe. Nos últimos meses, passou a querer adiar ao máximo o momento de dormir. Sempre inventava um pretexto. A sonsa da Melissa não percebia? Na hora de conseguir o marido foi tão espertinha!

Resignado, o filho desligou a televisão da sala e retirou o cartucho do Atari antes de desligá-lo também.

Na cama, depois de ter bebido o chá e escovado os dentes de forma desleixada, o garoto recebeu um beijo de Melissa, na testa.

— Mãe, deixa a luz do corredor acesa, por favor.

— Claro, meu bem. A mamãe sempre deixa agora — disse Melissa antes de apagar a lâmpada do quarto e sair.

Os passos da mãe soaram suaves antes da escuridão se dissipar do corredor. Na penumbra do quarto do Pirralho, foi possível ouvir quando Melissa fechou a porta do dela.

***

Alfredo acordou no meio da madrugada com a bexiga apertada. Levantou-se da cama e caminhou pé ante pé para a porta do quarto. A casa estava toda escura. Acendeu a lâmpada do quarto para enxergar melhor o corredor e foi em direção ao banheiro.

A porta estava fechada. O menino tocou na maçaneta fria com a mão esquerda e começou a girá-la, devagar. Abriu lentamente a porta ao mesmo tempo em que, com a mão direita, procurou pelo interruptor do banheiro. Ao acender a lâmpada, o horror se revelou.

A loira, pálida, sentada no vaso sanitário, estava de vestido branco manchado pelo sangue que escorreu de suas narinas. Alfredo gritou.

***

O Pirralho acordou com o próprio grito. Olhou para a porta do quarto tentando controlar a respiração ofegante e percebeu a luz do corredor acesa. Sentiu o pijama quente e molhado, estava mijado.

Dessa vez, não chamou pela mãe. Levantou-se da cama e andou em direção ao corredor. Vacilou quando foi acender a lâmpada do

banheiro. Ouviu o interruptor sendo acionado por seu dedo e só então tomou coragem para abrir os olhos. Encontrou o vaso livre.

Tirou o pijama, pegou uma toalha usada no cesto de roupas sujas e secou o corpo úmido de mijo. Devolveu a toalha ao cesto com o pijama enrolado nela. A casa continuava em silêncio. Pelado, o Pirralho voltou para o quarto correndo, vestiu um pijama limpo, que pegou no guarda-roupa, e conferiu o colchão. Suspirou. Lençol e colchão estavam molhados.

Tentou enxugar o excesso de mijo com o cobertor, sem muito sucesso. Pegou o ventilador, colocou em cima do criado-mudo e direcionou o aparelho para o molhado no lençol.

Apagou a luz do quarto e foi em direção à sala. Olhou para o videogame repousado no chão, sem parar de andar. A luz do corredor foi suficiente para que ele chegasse à porta da cozinha sem assombro.

Acendeu a lâmpada e abriu a geladeira. Pegou a garrafa de refrigerante com cuidado, a tampinha não estava lacrada, mas teve dificuldade para removê-la, deu um gole no gargalo. Recolocou a tampinha e devolveu a garrafa à geladeira milimetricamente na mesma posição em que estava.

Apagou a lâmpada da cozinha, voltou à sala e não resistiu à tentação — estava ficando viciado. Girou o botão do volume da televisão de modo que ficasse sem som antes de ligá-la. Pouco depois de começar a jogar Pac-Man, já fugia de seus fantasmas, em vão. Ele era muito inocente, presa fácil.

Estava desconfortável, não conseguia se concentrar no jogo. Olhava a todo momento em seu entorno. Não quis mais arriscar. Desligou a televisão e o videogame e voltou ao quarto. Mesmo com o ventilador, a cama ainda estava úmida. O Pirralho deitou e não demorou a dormir. Crianças...

A mãe deu sorte dessa vez. Vivia com olheiras, dormia mal. Estava um caco por geralmente precisar socorrer o filho depois dos pesadelos.

Melissa já estava acordada e preparando o café da manhã quando foi surpreendida por trás, com um beijo. Ela é um desastre na cozinha, mas pelo menos dessa vez não deixaria os dois saírem de casa sem comer.

— Que cheirinho bom, amor! Mas por que foi levantar cedo?

— Dormi bem desta vez, a noite todinha. Ele não acordou — respondeu terminando de coar o café.

— Não te disse! É uma questão de tempo. Ele vai superar.

— Mas eu quero me mudar daqui, Guilherme. É importante pro nosso filho. Aliás, vai fazer bem pra todos nós — disse, oferecendo a xícara de café com o olhar choroso.

Melissa voltava a esse assunto com muita frequência, estava pressionando o coitado. Ele não conseguiu disfarçar o desconforto, bebeu um pequeno gole do café fumegante.

— Amor, você sabe que agora não podemos. A gente não tem dinheiro pra isso. Está sendo difícil pra todos nós, mas as coisas vão se ajeitar, tenha só um pouco mais de calma. Vou lá acordá-lo, senão vamos nos atrasar.

Melissa sequer considerava o esforço que ele teve de fazer para comprar aquele videogame... Ideia dela. Como se um brinquedo fosse adiantar alguma coisa.

— Tá na hora, Alfredo!

Ele acordou, sonolento, mas sentou-se na cama conformado. Um bocejo foi o único sinal de protesto.

— Corre, meu filho! Hoje você tem que tomar banho — cochichou com um sorriso cúmplice. Pressionando as narinas com o indicador e o polegar da mão esquerda, apontou com o indicador da direita para o colchão úmido.

O Pirralho, que ainda acabava de despertar, sorriu de volta, satisfeito com o acordo tácito.

***

Alfredo acordou naquela madrugada apertado, querendo fazer xixi. Levantou-se da

cama e percorreu o corredor parcialmente iluminado pela luz do quarto, que ele havia acendido pouco antes. Girou a maçaneta devagar e empurrou a porta do banheiro com uma das mãos, enquanto com a outra acionava o interruptor. O susto o fez liberar o grito e a bexiga.

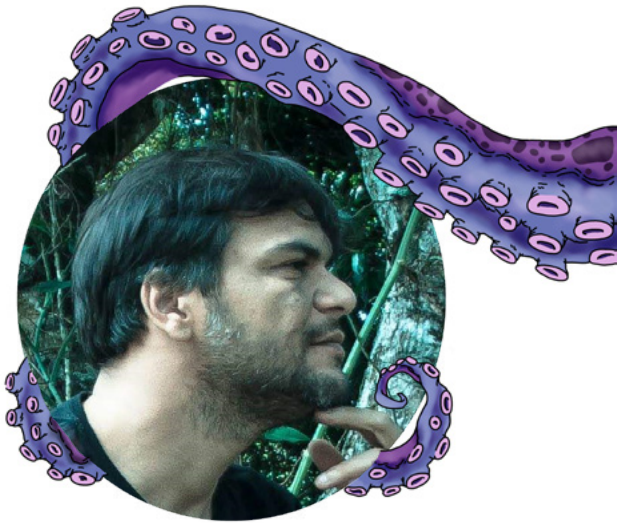
A loira sentada no vaso estava soturna, seu olhar era vazio, sem brilho. As pernas estavam esticadas para frente; a cabeça pendia levemente para trás, encostada à parede de azulejos brancos. O sangue que verteu de seu nariz maculou o vestido branco.

O grito estridente e ininterrupto de Alfredo acordou os pais. Guilherme foi o primeiro a chegar à soleira da porta do banheiro e viu o motivo do desespero do filho. Ele percebeu um saquinho plástico com um pouco de pó branco jogado no chão antes de pegar a filha desfalecida no colo e sair às pressas em direção ao carro da família.

Alfredo continuou a chorar sem parar. Abraçada ao filho, Melissa nem percebeu o pijama dele encharcado de xixi. Viu, atônita, a sua enteada sendo socorrida por Guilherme.

***

Antes que papai chegasse comigo ao hospital, a overdose parou meu coração para sempre. O Pirralho e a mãe não se livrariam de mim naquela madrugada. Passar a viver nos pesadelos dele foi só o start, o jogo estava apenas começando.



Diego Casagrande Soares

É um jornalista capixaba que gosta de escrever ficção por hobby.

ESTIGE

Davi Moreira Busquet

— Boa tarde, senhor. Para onde? — Charol perguntou ao cliente que entrava rapidamente pela porta de seu táxi.

— Méier, Dias da Cruz — o apressado homem de negócios respondeu, sem olhar para a taxista, e pousou a pasta de couro preta ao lado de si no banco traseiro, começando logo a ler um jornal qualquer na seção de economia.

Charol apenas assentiu e deu a partida no carro, saindo do ponto de táxis no centro do Rio em direção ao bairro no subúrbio. Estava acostumada com todos os tipos de clientes: desde o engraçadinho paquerador, o ocupado silencioso (o qual, nesse momento, permanecia no banco de trás, em seu próprio mundo), o tagarela distraído e até mesmo a dona-sem-noção. Para cada um deles, Charol tinha um assunto pré-selecionado, um conjunto de comentários-chave, uma resposta firme e educada ou, simplesmente, um grande pacote de silêncio profissional. Em casos como o do atual passageiro, apenas limitava-se a falar sobre a chegada, um atraso inesperado devido ao trânsito ou a possibilidade de pegar um caminho diferente.

Mas havia um único tipo com o qual ela achava que jamais se acostumaria. Após a porta se abrir, e o homem de negócios entrar, Charol olhou para o relógio no painel, ao lado do taxímetro. Ufa, pensou, não dessa vez. Sempre ficava aliviada quando a hora nefasta passava e ninguém havia entrado em seu táxi ainda, pois sabia que ainda teria mais 12 horas de passageiros "normais" antes que a hora chegasse novamente. E era sempre naqueles mesmos horários, ao meio-dia ou à meia-noite.

Não tinha sempre essa sorte, é claro. Um dia, enquanto ainda almoçava sua quentinha, sentada no banco de praça em frente ao ponto de táxis, um cliente, um jovem rapaz, perguntou-lhe se aquele era seu táxi e se estava disponível. Ainda sentada, a boca cheia de comida, o garfo em uma mão e a quentinha de alumínio na outra, Charol olhou para o relógio público na praça atrás de si: 11:59 da manhã. Sorriu aliviada, largando metade da comida ali mesmo no banco e entrando no táxi em um salto apressado. O rapaz, agradecido, sentou-se no banco de trás e aguardou, enquanto o carro demoradamente custava a pegar, como se a bateria estivesse fraca. Após a terceira tentativa infrutífera, Charol sabia que teria que esperar, pois nada no mundo apressaria ou atrasaria aquilo que era certo acontecer. Meio-dia, alertou o visor do relógio no painel, juntamente com o da praça e com o estalo de partida do carro. Não falhava nunca.

Aquele era um bom rapaz, ela pensou na época: bonito, mal tinha 20 anos, cursava psicologia na UFRJ, cheio de sorrisos e frases educadas. Ela tentava não conversar muito com esse tipo de passageiro, mas era inevitável, pois eles sempre queriam falar. Algo neles sempre os levava até Charol. E algo em Charol sempre os fazia falar. O rapaz tinha uma namorada desde a adolescência, antes mesmo de entrar para a faculdade, e achou que, para ficarem juntos, deveria fazer faculdade com ela, cursando, pelo menos, no mesmo campus. Não demorou muito para ele ver que ela tinha planos diferentes, amadurecera de outra maneira, buscando outros horizontes. Em pouco tempo, ele se tornara para ela um sentimento infantil, pouco maduro, uma cisma ingênua de quem nunca havia visto muito do mundo e das pessoas nele. Ele achou que não, que ainda havia alguma oportunidade

para mostrar à namorada que podiam levar uma vida adulta juntos, com maturidade e amor — ou pelo menos foi o que ele disse para ela no dia anterior, e para Charol, enquanto ela o dirigia para casa. O rapaz parecia tão animado, relatando como declarou-se para sua amada na mensagem deixada em seu perfil de rede social, que Charol quase chegou a acreditar que aquele dia terminaria bem para o esperançoso estudante. Três dias depois, lendo o jornal, Charol reconheceu o nome dele em uma notícia: o rapaz suicidara-se meia hora depois de ser deixado em casa por Charol, dopado por calmantes e enforcado com o próprio cinto, com a tela do computador ainda aberta no perfil da então amada, agora noiva de um colega de faculdade mais velho.

Os suicidas ainda eram os menos chocantes, pensava Charol, consciente de que pelo menos não os veria morrer, só tomaria conhecimento dias depois, caso procurasse saber de algo. As mortes violentas, presenciadas, são as piores, e as que um dia a fizeram parar, abandonar a profissão e tentar, em vão, nunca mais levar alguém naquele táxi. Uma morte em especial a abalou profundamente. Em uma certa noite, bem antes da meia-noite, Charol havia deixado um passageiro no aeroporto Santos Dummont, mas ficou presa em um grande engarrafamento, que refletiu no próprio acesso ao aeroporto: tudo culpa de um acidente em uma das pistas do Aterro. Enquanto o tempo passava e o carro mal se mexia, Charol olhava nervosamente para o relógio, até que as 23:59 se tornaram meia-noite e a porta abriu de uma vez. Charol ainda pensou em mandar a moça descer, inventar que algo no táxi não estava funcionando e abandonar o veículo ali mesmo, mas ela sabia das consequências daquilo. A contragosto, deixou a moça de 25 anos, grávida, entrar no carro.

Após ouvir o destino, Charol não conseguiu se concentrar em mais nada. Pelo menos era perto, pensou, e o trânsito já começava a se movimentar novamente. Pouco antes do destino, o trânsito reduziu novamente, até parar praticamente em frente ao que causara o engarrafamento: o capotamento de uma caminhonete em alta velocidade, duas pistas ao lado da qual Charol parava agora — o local já estava cercado por viaturas de socorro e da polícia. A passageira, em um súbito acesso de pânico, ao reconhecer a caminhonete do marido e seu corpo ensanguentado no chão, desceu do táxi parado e correu em direção ao local do acidente, sem perceber que entre o táxi e o local ainda havia uma pista liberada no sentido contrário. A pobre foi despedaçada pelo ônibus em alta velocidade.

Charol demorou dias para voltar a trabalhar depois daquilo, limpando paranoicamente cada centímetro do táxi. O cheiro de sangue e os pedaços da jovem e seu feto pareciam nunca sair da lataria do carro. Aqueles dias foram tão terríveis quanto o dia do acidente. Ficar sem trabalhar era muito pior: ouvia vozes constantemente, pessoas querendo falar, pessoas querendo gritar, sons, murmúrios de agonia, seu nome sendo chamado repetidamente na escuridão de seu quarto. Perguntava-se quanto tempo aquilo ainda continuaria acontecendo, mas a resposta era óbvia: sempre, enquanto ela evitasse levar seus passageiros para seu destino.

"Destino" era uma palavra tão certa para Charol quanto a própria inevitabilidade de seu significado. Confirmara, em uma época, durante a qual presenciara incontáveis mortes bem na sua frente, dia após dia. Após essa torturante semana de mortos, decidiu acabar com aquilo, contrariar o destino — não da maneira como tentara após o acidente com a grávida, não assim, ela queria ter paz e poder dormir, afinal. Assim, Charol abriu o jogo, contou para seus passageiros da hora nefasta e o que aconteceria quando chegassem ao seu destino. Charol nunca sabia o que ia acontecer, mas sabia que tinha a ver com o local escolhido por eles. Imaginou, portanto, que se não os levasse para lá, e eles não buscassem outra maneira de ir até o lugar, tudo ficaria bem.

Infelizmente, nada aconteceu desse jeito.

Meio-dia de domingo, uma família inteira entra no táxi: mãe, pai e um garotinho de 7 anos. Charol sabia que um dos 3 era a vítima daquele horário. Já havia passado por isso antes, quando vários entram ao mesmo tempo no táxi, normalmente tem a ver com o que entra no exato momento em que o relógio marca a hora nefasta, mas ela não prestou atenção em qual dos 3 fizera isso. Sem dizer nada, pegou um caminho totalmente diferente, desviando e afastando-se o máximo possível do destino desejado. Depois de quase meia hora na direção errada, sofrendo agressões verbais e ameaças do casal, Charol revelou para eles que naquele dia, em breve, um dos 3 morreria, que não havia nada que ela pudesse fazer, mas que eles tinham a chance de mudar isso, se não fossem para o lugar para onde pediram para serem levados: seu apartamento na Lagoa.

— Como sabe disso? Quem é você? — Charol se lembra do homem, furioso, perguntando, quase agredindo-a.

Mas Charol não respondeu, apenas limitou-se a repetir o que dissera, que a vida de um deles corria perigo e que, de alguma forma, haveria uma morte se eles fossem para a própria casa. Em seguida, deixou-os no meio do nada, em algum bairro distante e isolado, quase um terreno baldio, torcendo para que, tão longe assim de casa, eles desistissem de voltar ou não encontrassem meio de transporte para fazê-lo. No dia seguinte, Charol viu a imagem dos três, embaçada pela TV, deitados a poucos metros de onde ela os deixou, mortos. O pai, relatava o repórter, demitido do emprego naquela semana, descobrira a traição da esposa e decidiu dar fim à própria vida e à de sua família. Aparentemente preocupado com o que Charol disse, o homem achou que tivera sido descoberto e antecipou-se, matando a esposa infiel ali mesmo, cortando seu pescoço com uma faca retrátil que levava no bolso, a qual usou nos próprios pulsos, minutos depois de estrangular e matar o lindo garotinho.

— Um bom dia e até mais, senhor. — Charol se despediu do homem de negócios no Méier que, mal descera, sumiu em meio à multidão.

Passou o resto do dia rodando naquela região do subúrbio, levando gente aqui e ali, parando em algumas lanchonetes fast-food para comer e continuando suas corridas com desinteresse, até dar meia-noite. Charol estava no celular, divertindo-se com algum jogo ou papeando em aplicativos de mensagens, quando olhou para o relógio do próprio celular e viu que já era quase 01:00 da madrugada. Ficou subitamente feliz por não ter tido nenhum cliente "diferencial" naquela noite (e nem de dia) e seguiu para casa, deixando as luzes do táxi desligadas para evitar o máximo de contato possível com outros clientes em potencial.

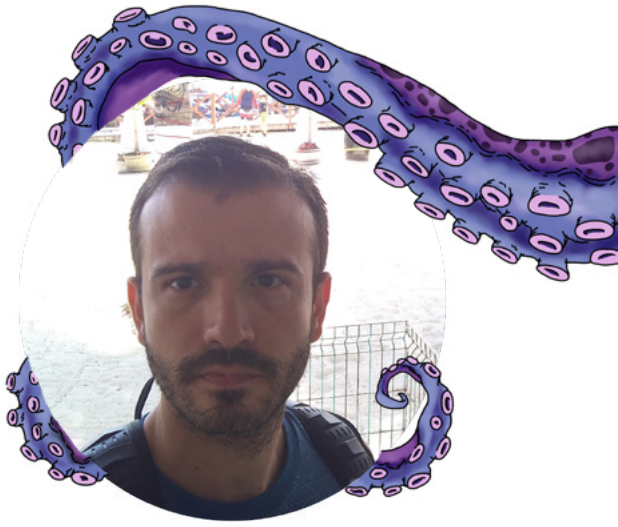
Parou o táxi na garagem do prédio, mantendo a luz interna acesa por alguns minutos enquanto limpava o interior do veículo. Clientes sempre largavam embalagens de papel, lixo ou coisas assim pelo táxi, mas odiavam ter que viajar em um carro em tal situação. Um contrassenso, pensava Charol, que limpava o interior do carro toda noite antes de subir para seu apartamento e dormir.

Porém algo chamou sua atenção dessa vez: uma moeda. Prateada e pequena, cuja origem ela desconhecia totalmente. A moeda brilhava timidamente no chão sob o tapete, quase oculta pelo tecido empoeirado. Charol pegou-a, sentando-se no banco do condutor para ver melhor sob a luz interna, que brilhava com mais força na parte anterior do carro. Foi quando viu que algo mais brilhava naquele momento. Algo no painel ainda estava ligado, iluminando com luzes vermelhas os dígitos numéricos: o taxímetro.

Charol olhou intrigada para o instrumento, repassando em sua mente a última corrida, lembrando-se, com precisão, de ter informado ao último cliente o valor e desligado o taxímetro. Desde quando estava ligado?, ela se perguntou. O valor era baixo, logo, mesmo

considerando a bandeira 2 da jornada noturna, ele deve ter ligado sozinho em algum lugar relativamente próximo. Calculou rapidamente a distância através da tarifa por quilômetro rodado e o tempo de viagem e/ou parado que o aparelho considerava e concluiu: coincidia com o ponto onde ela parara, em frente à lanchonete, e fora acionado exatamente à meia-noite — a hora nefasta. Mas não havia passageiro algum com Charol, havia?

Na manhã seguinte, o zelador do prédio de Charol encontraria seu corpo. Sentada no banco do motorista de seu próprio táxi, aparentemente por uma parada cardíaca, ela morrera menos de meia hora depois de chegar ao seu destino — a garagem do prédio —, ainda com a pequena e irreconhecível moeda prateada em sua gélida mão.



Davi Moreira Busquet

Davi Busquet é bombeiro militar por profissão e escritor nas horas vagas. Autor dos contos *O Último Alimento do Demônio, A Parede, Um Dia, Ícaro, Passado S.A., Vetor*, entre outros. Exercita sua criatividade em qualquer gênero, da poesia e ficção científica até o terror e suspense, sem preconceitos. Participante de diversas antologias, espera em breve poder publicar seu primeiro livro solo.

PRATO PRINCIPAL

Maurylia Maria Loureiro

Era domingo, dia do típico almoço em família. Pelo menos uma vez por mês meus tios e meus pais se reuniam na casa da minha avó, Teresa, em Dom Cavati, interior de Minas. Não morávamos tão longe, talvez duas horas de carro. De qualquer forma, valia o esforço. Chegávamos perto das 10 da manhã, ajudávamos na preparação do almoço e continuávamos a festa até anoitecer.

Com meu refrigerante na mão, já cansada de tanto brincar com meus sobrinhos e jogar conversa fora com as minhas tias, parei para observar a família linda que éramos. Meus tios, dois deles, estavam abraçados cantando um modão sertanejo e segurando latinhas de cerveja. Meus primos adolescentes, rindo, filmavam e postavam nas redes sociais. Ninguém poderia duvidar do carinho mútuo entre todos nós. Nossa história seria quase perfeita, se não fosse pelo meu bisavô.

As histórias sobre ele eram contadas com uma reverência assustada. Diziam que Alceu tinha um jeito dócil, até ser tomado por uma extrema fúria e desaparecer por dias. Minha avó gostava de dar os detalhes sobre sua aparência, quase esperando que nós o reconhecêssemos caso o encontrássemos na fila do pão: a estatura era mediana, um metro e setenta, talvez; os olhos, quase pretos, pareciam olhar dentro da sua alma; usava sempre uma barba por fazer; seus cabelos eram crespos e curtos, da cor castanho-escuro; gostava de usar calça de linho branca e sandálias, sua camisa preferida era uma azul sem o terceiro botão; carregava sempre sua peixeira na lateral da calça.

Meu bisavô era um assassino que matava por puro prazer e tinha pacto com o demônio. As histórias iam desde uma simples facada até a retirada da pele do rosto de um homem que sorriu para a minha bisavó, mas todas acabavam da mesma maneira: uma perseguição policial frustrada, onde Alceu fugia por algumas centenas de metros e de repente desaparecia após invocar o diabo. Protegido pelo pacto, ele voltava para casa tranquilamente, assobiando durante o trajeto. Ao chegar, beijava os filhos, elogiava o jantar e brincava de boneca com a minha avó, sua única menina. Isso durava alguns dias, até Alceu ficar completamente diferente, sumir, matar algumas pessoas e voltar tranquilo para a família, como de praxe.

Eu amava os almoços de domingo na casa de minha avó, mas sempre me lembrava dessa mancha no nosso passado e isso me causava pesadelos durante a noite. Neles, o homem que Teresa descrevia, meu sinistro bisavô, aparecia sentado junto à mesa de domingo. Em flashes, o almoço passava de comidas preparadas com carinho a uma espécie de altar, onde várias crianças estavam amarradas e ensanguentadas enquanto minha família conversava e ria.

Cética, nunca acreditei que pudessem ser presságios ou algo assim. Era somente minha mente trabalhando para me causar insônia. Porém, na noite seguinte à última visita a Dom Cavati, um detalhe no pesadelo me deixou arrepiada. Havia mais uma criança, meu sobrinho mais novo, ensanguentada na mesa, e eu, que nunca

antes havia participado do altar, estava rindo com uma felicidade genuína sujando minhas mãos de sangue e esfregando em minha própria barriga.

Acordei com náuseas, aquela cena parecia real demais. Depois de vomitar, voltei para o quarto, acendi a luz e sentei na cama com o notebook no colo. Eu precisava tirar aquela imagem da minha cabeça.

A série de comédia não estava funcionando, muito menos os vídeos engraçados da internet. Minha intuição mandava eu procurar alguma coisa no guarda-roupas que ficava no quarto de hóspedes. Tentando fazer o mínimo de barulho, revistei as cinco portas e não encontrei nada além de toalhas e roupa de cama. Parei, respirei fundo e alonguei o pescoço. Com este movimento, vi a alça de uma bolsa atrás de um edredom na parte mais alta do móvel.

Era uma bolsa de fotos de família que eu nunca tinha visto antes, e em todas elas havia crianças que eu não conhecia. Ou achava que não. De repente, meus pesadelos vieram à tona. Trêmula, me apoiei na porta do guarda-roupa e soltei um grito ao ouvir minha mãe me chamar com uma expressão de horror no rosto.

Ela me perguntou o motivo de estar mexendo naquelas coisas às duas da manhã. Contei o sonho e posso jurar que vi a sombra de um sorriso nos lábios dela. Com um longo suspiro, minha mãe começou a contar mais uma das histórias de meu bisavô.

Segundo ela, minha bisavó, Rute, queria muito ter uma filha. Ao engravidar pela quinta vez, fez promessas e promessas para que nascesse uma menina, mas foi em vão. Após dar à luz, Rute não conseguia nem olhar para o filho recém-nascido. Sentia raiva, nojo e frustração a cada vez que deveria amamentá-lo. Alceu, vendo o comportamento da esposa, fez mais um acordo com o demônio. Ele sacrificaria seu filho mais novo se nascesse uma menina na próxima gravidez. Não demorou muito tempo para Rute engravidar novamente e nascer Teresa. O menino, que nem chegou a receber nome, foi sacrificado em algum lugar nos matagais de Dom Cavati. Desde então, quando uma das mulheres da família engravida pela primeira vez, a última criança a nascer morre subitamente. Essa é a nossa maldição.

Eu não sabia o que pensar. Perguntei sobre as crianças das fotos.

— Umas morreram atropeladas, outras pegaram alguns tipos de vírus, doenças. Não se preocupe com isso, meu amor — ela disse acariciando meu cabelo. — Depois a gente conversa melhor. Você precisa dormir.

— Eu vou, mas... senti vontade de rezar pelo Gabriel. Não gosto desses sonhos.

— Deixa de bobagem! — Ela disse com os olhos arregalados. — Nós nunca fomos religiosos, e, até onde eu sei, você não acredita em nada. Vai rezar para quem? São Isaac Newton? — riu, mas percebi que ainda estava tensa.

— Não sei... O que me deixa apavorada é que não consigo encontrar uma lógica entre os meus sonhos, onde essas crianças aparecem, e essas fotos. Como eu poderia sonhar com elas se eu nunca as vi?

— Claro que existe uma conexão, sua boba! Quando você era criança, adorava ver fotos. Espalhava pelo chão, tentava organizar e recortava algumas pra colar no seu caderno, lembra? Essas são preciosas demais, guardei pra não correr o risco de estragá-las, mas você brincou com elas algumas vezes — olhou para as fotos e expirou parecendo contrariada. — E até onde sabemos, isso tudo pode ser uma terrível coincidência, não uma maldição.

Confesso que senti certa calma. A explicação era razoavelmente lógica. Porém, durante a semana, uma sensação incômoda

de desconfiança e medo tomaram conta de mim. Procurei pelas fotos outra vez, mas não as encontrei. Não quis perguntar onde estavam, minha mãe se tornou um tanto ríspida e distante. Aproveitei todos os momentos sozinha em casa para fazer a minha busca e em todos eles fracassei. Não entendi o motivo de tanto segredo.

Na sexta-feira, quando cheguei do trabalho às seis da tarde, vi duas bolsas de roupa na sala. Meu pai disse que iríamos para Dom Cavati outra vez, uma reunião de família extra. Eu não queria ir, mal havia me recuperado da última visita.

Peguei a bolsa que estava com as minhas roupas e a coloquei no meu quarto. Meu pai, gritando, tomou a mala e a jogou no carro. Ao passar por mim, minha mãe sussurrou um enigmático "em breve você entenderá tudo!". Entendi que eu não tinha liberdade de escolha naquele momento.

A viagem foi tudo, menos agradável. Os enjoos voltaram, por isso tivemos que parar três vezes no acostamento para eu vomitar. Depois da última vez, recebi um lembrete do aplicativo que eu usava para monitorar minha menstruação. Estava uma semana atrasada.

Senti todo o meu sangue gelar, meu coração quase parou. Uma gravidez indesejada já seria horrível, mas, e se a maldição da minha família fosse real? Isso significaria que... Não! Eu não podia acreditar nessa história de atropelamentos e doenças inexplicáveis. Minha intuição, porém, ainda apontava um sentido diferente, ainda havia alguma coisa em minha mente que eu não entendia.

Antes de chegar ao doce lar da vovó, pedi para pararem o carro. Precisava respirar. Me deixaram algumas ruas antes do nosso destino e seguiram viagem. Naquela cidade, os comércios ficavam abertos até às nove da noite nos finais de semana. Comprei o teste de gravidez na farmácia, tentando conter a ansiedade. Eu faria aquilo em casa, sem dúvidas. Tentei prestar atenção nos sons e cheiros, a fim de regular os batimentos cardíacos.

Um cheiro bom vinha da padaria. Muitas mesas estavam dispostas na calçada e as pessoas chegavam para tomar assento. Curiosa, me aproximei. Li em um cartaz que aconteceria o sorteio de um leitão assado. Sorri. Cidades pequenas tinham eventos estranhos.

Entretanto, olhando mais atentamente, aquele formato do prato a ser sorteado se tornou um gatilho para uma lembrança enterrada fundo demais.

Minha irmã mais nova.

Tentei manter o ritmo da caminhada, mas minhas pernas pareciam se atropelar de tanta pressa. Corri para a casa da minha avó, o ar gelado de julho fazia minhas narinas arderem. A lembrança se passava como um filme na minha cabeça, de novo e de novo e de novo. Eu só queria esquecer.

Abri o portão. Meu coração batia mais forte do que nunca. Dezenove anos atrás, naquela mesma casa, eu a vi. Eu tinha uma irmã, meu Deus! Ela tinha dois ou três anos. Era para eu estar dormindo, mas acordei com uma gargalhada de alguém que não conhecia. A porta da cozinha estava entreaberta. E eu a vi.

Pelos carros estacionados, sabia que meus tios e minha irmã mais velha também tinham chegado para a reunião. Entrei na casa e parei no corredor, tive medo do que encontraria à frente. Passei a mão na minha barriga desejando não ter nenhuma vida ali. Uma voz quebrou a minha concentração.

— Aline, não nos deixe esperando. Não vamos comer você — e deu uma gargalhada. Aquela gargalhada.

Trêmula, dei alguns passos à frente. Eu sabia o que encontraria. Não queria olhar para a mesa.

Vi de relance a sombra do homem que

estava à cabeceira da mesa. Meu bisavô. Não era a silhueta de um ser humano. O encarei e por um momento ele se mostrou à mim: tinha cascos de cavalo onde deveria ter pés; as pernas eram quase humanas, mas tão finas que pareciam não suportar todo o peso daquele ser; os joelhos se dobravam para os lados; o tronco lembrava o corpo de um lobo; os braços seguiam a mesma estrutura das pernas; nas mãos, dedos pontiagudos terminavam em unhas afiadas; a cabeça era de humano. Alceu não fez pacto com o diabo, ele era o próprio diabo. E nós éramos seus descendentes.

Passando os olhos pela mesa, percebi o brilho demoníaco no olhar de cada familiar meu. Me detive no prato principal. Gritei com toda a força dos meus pulmões. Meu sobrinho, tão pequeno, ali, morto, assado como um animal. Minha irmã o olhava com um apetite pavoroso. Não existia amor naquela família.

Tentei correr, mas minhas pernas falharam e minha cabeça rodava. Minha irmãzinha, meu sobrinho. Quantas crianças tiveram aquele mesmo destino? Os dedos pontiagudos agarraram meu braço.

— Você é uma de nós! Você vai honrar o seu sangue! Você vai tomar do seu sangue!

Meu bisavô me jogou no chão da cozinha, olhei suplicante para minha mãe. Alceu alcançou uma taça com o líquido viscoso e ameaçou derramar em mim, na minha boca. Teresa forçava meu maxilar para baixo enquanto o resto da família emitia zumbidos ansiosos para o início do ritual que me transformaria em um deles. Eu me contorcia em completo desespero no chão.

Alceu inspirou fundo, fechou os olhos e começou:

— O sacrifício foi aceito.

— Sanguis! — minha família disse em uníssono.

— O mais tenro sangue foi derramado.

— Sanguis!

— A descendência será...

— Ela foi batizada! — minha mãe gritou.

— O quê?! — Teresa levantou a cabeça com horror no rosto.

— Ela foi batizada — repetiu com calma. — Não vai passar pela transformação.

— Sandra, o que você está dizendo? — Meu pai perguntou.

— Eu a levei para a igreja poucos dias depois de nascer, pedi oração ao padre, ele quis batizá-la nas águas — Teresa se levantou com uma rapidez que não condizia com a idade e estapeou o rosto da minha mãe. — Eu não queria perder mais um filho, eu não podia arriscar! Eu teria batizado a Verônica também, mas você — se virou para o meu pai — não me dava espaço, não me deixava sair de casa. Eu a perdi e a culpa é sua! — gritou.

Talvez houvesse uma faísca de amor no meio daquela podridão.

Alceu me soltou quase enojado e jogou a taça longe. Vi quando minha mãe sussurrou "corre" para mim. Obedeci. Pelo canto dos olhos, vi toda minha carinhosa família gritar e atacá-la.

O diabo repetia "você nos profanou" em um tom grave enquanto os gritos desesperados da minha irmã, que parecia ter saído daquele transe infernal, pelo filho perdido ecoavam pela casa. Não tive coragem de olhar para trás. Bati o portão e corri em direção à igreja mais próxima. A missa ainda não tinha acabado.

Me sentei no último banco, tremendo, tentando pensar no que fazer além de me jogar aos pés do padre e implorar que ele ajudasse a limpar minha alma.

Minha mente dava voltas e voltas e a perturbação era tanta que não vi a missa terminar. Só me dei conta quando uma mão gentil apertou meu ombro. Era o padre. Me joguei aos seus pés, soluçando de tanto

chorar.

— Eu sei quem você é — ele disse com firmeza. Olhei para cima, assustada. — Estava te esperando.

Não consegui formar uma frase coerente, gaguejei palavras aleatórias. Ele, percebendo minha confusão, segurou meu rosto entre as mãos e disse:

— Você é a arma enviada por Deus para destruir o diabo que assola essa cidade há tantas gerações.

Percebi que ele trazia um pequeno frasco com óleo. Molhou os dedos e fez o sinal da cruz em minha testa repetidas vezes enquanto dizia coisas que eu não conseguia entender. Aquilo queimava a pele, ardia os olhos e me fazia gritar.

Eu sentia como se o meu corpo estivesse entrando em convulsão. Como em um lampejo, vi Alceu em sua forma demoníaca ateando fogo nas casas ao lado da residência da minha avó. Ele estava furioso. Vi, também, centenas de pessoas, umas sem a pele do rosto, outras com buracos pelo corpo — vítimas de Alceu — , todas com roupas rasgadas e ao meu redor, me instruindo. Elas pareciam ainda mais furiosas que ele. Meu colapso terminou quando me vi rasgando a barriga do meu bisavô.

Quando abri os olhos, nada doía mais e não havia medo em mim. Eu sabia exatamente o que deveria fazer.

Maurylia Maria Loureiro

Maurylia Loureiro tem 26 anos, é mineira, formada em Licenciatura em Letras e perseguida pelo número 42 desde a primeira vez em que leu *O Guia do Mochileiro das Galáxias*. Escreve sci-fi, fantasia e horror. Tem crush no Severo Snape.

EGITO ANTIGO

Gabriel Moura

Luís desperta quando o filme acaba. A luz da rua já entra mais fraca pela janela da casa. Ele pega o controle e desliga a televisão, fecha o livro que descansa no colo, marca a página e afasta o cobertor para o lado. Ergue-se do sofá e estica as pernas, os joelhos rangendo. Calça as pantufas e vai até a cozinha.

Acende o fogão e põe a chaleira para esquentar. Escolhe o sabor do chá e procura a caneca favorita no armário, aquela com a foto do casal. Na imagem, Maria sorri, muito alegre, em uma festa de aniversário, cinco anos atrás. Ela ainda não descobrira o câncer, estava belíssima. Se pudesse, Luís a teria para sempre daquela maneira. Dois anos passaram desde a morte da esposa e a solidão ainda o aflige. Ele passa a mão no colar que esconde debaixo da camisa. A chaleira apita, ele volta ao momento presente, apaga a chama, despeja a água na caneca e pinga adoçante. Maria o encara da fotografia, como se quisesse falar algo: que ele se tornou recluso, antipático e velho? Louco, talvez? A esposa faz que sim, e ele fica bravo.

— Está bem, vou dar uma caminhada lá fora.

O movimento na rua é típico de um fim de tarde de outono. Alguns poucos veículos, duas pessoas sentadas na praça, uma vizinha varrendo o chão. Dá um boa tarde à dona Gleci. O céu já começa a escurecer. Naquele horário, nos bons tempos, estaria saindo do colégio, carregando provas e trabalhos, aguardando ansiosamente o café passado e o beijo da esposa.

"Café", ele pensa. A duas quadras dali fica uma padaria. Luís percorre os cento e cinquenta metros e entra no estabelecimento. Flores decoram todo o ambiente. Um jazz toca ao fundo.

— O que deseja? — indaga a atendente. Ela tem o rosto simétrico e olhos expressivos. É muito mais voluptuosa do que a menina anterior.

— Um pão de queijo e um expresso — ele pede, sentando-se à mesa redonda.

— Um expressinho e um pão de queijo — ela repete, anotando no bloco de papel.

— É nova aqui?

— Comecei ontem — diz a garota, dando um sorriso. — Espero durar mais tempo do que a menina antes de mim.

— Como assim?

— As funcionárias não ficam muito tempo na vaga. Simplesmente vão embora sem prestar contas.

— Ah, sim — ele diz. — Tem bastante rotatividade entre as atendentes. Você não estudou no colégio municipal? Tem olhos familiares.

— Não. Vim morar em Campo do Guará há duas semanas.

Cinco minutos depois, Luís sorve o café enquanto observa a jovem que, apoiada nos cotovelos, escreve algo em um caderno. Ela tem os cabelos presos em duas tranças, o que lhe dá um ar pueril. Ele ergue a mão.

— Pois não? — indaga a moça.

— Pode trazer mais um pão de queijo?

Quando ela se aproxima, Luís repara no balançar dos quadris e na proporção dos seios, escondidos por um casaco de lã. Há quanto tempo ele não desfruta de um corpo feminino? Sente a excitação no meio das pernas. Incomodado, come rapidamente, deixa o dinheiro na mesa e sai sem se despedir.

Em casa, Luís acomoda-se no sofá, seu recanto da tranquilidade, e faz um exercício mental para apagar da retina as formas da atendente. Mas, excitado, não resiste. Vai ao

quarto, tranca-se, e sai dali quinze minutos depois.

Enquanto limpa as mãos no banheiro, encara o próprio reflexo.

-No que eu me transformei? — ele indaga.

Lava o rosto, ajeita os cabelos ralos com um pente.

Luís vai até a sala e liga a televisão apenas para situar-se no mundo – nunca é bom ficar tempo demais perdido nos próprios pensamentos. No entanto, ainda que tente se distrair, ele bola planos e formula hipóteses.

— Alô? — diz ao telefone, após discar para a padaria. — Eu gostaria de fazer uma encomenda.

— Se for próximo, entregamos de graça — diz uma voz masculina. É o dono do comércio.

— É o Luís quem está falando.

— Oi, professor. Eu mando a Letícia. O que vai querer?

— São quatro pães, duzentos gramas de queijo e duzentos de presunto.

— Tudo bem. Anotado. Daqui a pouco ela bate aí.

Nome bonito, ele pensa. Letícia. Origem romana.

Ele coloca um perfume, abre as janelas e a porta da sala, borrifa o aromatizador de ambientes, põe água para esquentar. A campainha toca.

— Seu Luís? — A jovem indaga lá do portão. Segura na mão direita uma sacola branca de plástico.

— Sim, entre.

Ela fica sem reação, visivelmente constrangida.

— Pode entrar, por favor.

Letícia empurra a porta de ferro e caminha devagar até à soleira.

— Entre — diz ele. — Deixe aí em cima da mesa da sala.

Ela larga a sacola no tampo de vidro e volta rápido para a saída da casa.

— Quero lhe dar uma gorjeta pelos seus serviços prestimosos — ele diz.

A garota sorri de leve:

— Eu nem sei o que significa prestimoso.

Luís tira uma nota generosa da carteira.

— Quantos anos você tem?

— Dezoito — Letícia diz, pegando a nota e guardando no bolso.

— Tão nova. Estuda?

— Quero fazer faculdade. Vim para cá porque minha tia ficou doente, mas continuo estudando para o vestibular.

Luís sorri:

— Conheço vários professores da cidade, caso você precise de alguma aula particular.

Ela abre um sorriso que o tira completamente do sério.

— Belos dentes — ele fala. — A Maria tinha dentes assim também.

— Obrigada. Quem é a Maria?

— Existia uma tribo indígena que tirava os dentes dos mortos para fazer colares. Curioso, não? Em nossa sociedade, as mães guardam os dentes dos filhos como lembrança.

— É mesmo? — ela pergunta, desconcertada.

Um momento em silêncio e Luís percebe que não está agradando.

— Maria era a minha esposa. Faleceu há dois anos.

— Sinto muito.

— Eu também. Esperava partir antes dela. Mas a gente vai se acostumando. Não existe justiça nessa vida. Aliás, aí vai uma dica para o vestibular: em 1968, o pênis de Tutankhamon foi dado como desaparecido. Pensou-se que ele tivesse sido roubado por colecionadores. Imagine, colecionadores de pênis. — Luís ri. — Então, em 2004, fizeram uma tomografia computadorizada e descobriram que o órgão estava apenas escondido.

Letícia arregala os olhos, não ri, cruza os braços. A chaleira começa a chiar.

— Acho que está na minha hora, senhor Luís.

— Não quer sentar e tomar um café? Vou

passar agora.

— Obrigada, mas tenho que voltar ao trabalho. Meu turno vai até as dezenove.

— Pena. Nos veremos mais vezes, com certeza.

Letícia dá um sorriso amarelo e caminha para a rua.

— Esqueci — diz ele. — Tenho mais uma coisa para lhe dar.

Ela para, volta-se.

— Alguns livros de história que não uso mais. Você quer?

A jovem balança a cabeça afirmativamente.

— Pode ser, se não vai fazer falta. Mas eu busco outro dia, tudo bem?

— Sim, claro, sem problemas. Estou sempre aqui.

— Muito obrigada — ela diz. — Essa gorjeta valeu por uma semana inteira.

Decepcionado, Luís despede-se e fecha a porta. Come um pão saboroso, bebe café, depois vai até o quarto. Gira a chave na fechadura e abre a passagem atrás do armário. O odor acre invade as narinas. Pelas frestas da persiana entra alguma luminosidade. Ele avança dentro do ambiente. Abaixo da janela está a mesa comprida de metal, e, sobre ela, envolta em trapos brancos, repousa uma forma humana.

Gabriel Moura

Gabriel Moura é de Porto Alegre, servidor público, aficionado por literatura e escritor nas horas vagas.

DUPLA PERSONALIDADE

Bibiane Ferreira

Começo a listagem novamente: dois colchões de solteiro, uma sapateira, um baú cheio de livros, uma fruteira de metal, duas malas de...

Outro semáforo fechado.

Os ônibus, lotados de gente lutando para conquistar um espaço que não obrigue o contato com a pele de algum desconhecido, param com um solavanco capaz de embrulhar o estômago. Três ciclistas passam por nós em alta velocidade, provavelmente alguns adolescentes inconsequentes que nem deveriam estar andando por um cruzamento tão perigoso. O semáforo abre, o táxi anda. Nos distanciamos dos ônibus. As muretas da universidade já se tornam visíveis, e respiro aliviada; as muitas curvas das ruas movimentadas causam vertigem. As ultrapassagens do motorista me agoniam. Lembro-me da caixinha de remédios, não posso me esquecer dela.

Recomeço a listagem: os colchões, o móvel, o baú, a fruteira, as malas, a caixa de remédio... Passamos pelos ciclistas novamente: um garoto e duas garotas. Apenas uma delas está de capacete. O motorista pergunta em qual esquina devemos dobrar. Sem ser essa, na outra, digo. Já estamos em frente à universidade, e olho nos vãos de seus muros vazados, semelhantes àqueles de zoológicos. Rio com essa comparação maluca. O motorista me olha desconfiado pelo retrovisor. Pensando bem, o sistema educacional não nos deixa muito distantes dos animais enjaulados. Outro semáforo fechado.

Começo a pensar na lista da mudança e tenho a sensação de que estou esquecendo algo, talvez chegando lá eu descubra. Vejo os ciclistas pelo espelho direito do carro, dessa vez, eles resolvem parar no sinal fechado, o menino mais à frente das meninas. A menina sem capacete possui cabelos longos que pairam sobre seu rosto, ela tira a mão do guidão e afasta algumas mechas... O susto me invade, minha garganta faz um som de engasgo e me afogo com a saliva. Desvio o olhar da garota e tento acalmar minha própria respiração. Abro o vidro e olho para meus próprios dedos, que me parecem impessoais.

Tento controlar a sensação de olhar para trás, fecho os olhos e sinto vontade de rir com a ideia de que estou ficando maluca, alucinando. Eu nunca tive uma alucinação antes, talvez a vertigem seja parte dos sintomas. Não consigo segurar o impulso e me viro de súbito. A garota está tranquila e com uma expressão divertida no rosto, ela conversa despreocupadamente com a amiga de capacete. Seu cabelo tem exatamente o mesmo tom e textura de meu cabelo natural, sem tinta e sem remendos. A cor castanha é tão familiar quanto os fios lisos. Não consigo me virar de volta, não consigo me mover, a encaro de boca escancarada pelo vidro traseiro do carro.

Devo estar pálida de medo. Sim, medo. Tão avassalador que não consigo suportar.

Desbloqueio o celular com dificuldade por causa dos dedos trêmulos, a respiração já entrecortada, tento encontrar a câmera, ligar para minha mãe e ver a hora, tudo ao mesmo tempo. Jogo o celular dentro da bolsa. O motorista se mexe no assento. O semáforo abre e digo, sem controlar minhas próprias palavras, para que ele não vire a esquina, siga reto. Mesmo com a voz rouca por causa da garganta seca, ele entende e pergunta se está tudo bem. O trio de ciclistas avança. Nem me dou ao trabalho de forçar uma cara de falsa simpatia; pergunto, olhando-o

nos olhos através do retrovisor, se a menina da bicicleta se parece comigo. A de capacete não, a outra. Ele olha pelo espelho e a acompanha pelo vidro do carro quando ela passa por nós. Escondo meu rosto para que ela não me veja. Ele diz que talvez se pareça, não muito, e quer saber o porquê.

Não muito? Peço-lhe para que olhe de novo e ele pergunta para onde vamos. Ela passa reto, não dobra a esquina. Digo-lhe para seguir a garota e ele fica claramente desconfortável, mas segue. Saindo da avenida, a rua fica mais tranquila, minha cabeça trabalha a mil por hora, tentando não entrar em colapso. Pergunto-me o que aconteceria se eu desmaiasse dentro do táxi. Forço a vista a permanecer focada. A garota é igual a mim.

Somos idênticas, apesar de eu não saber andar de bicicleta. Ela não pode ser eu, certo? Meu cabelo não é mais daquele jeito há quase uma década, na verdade ela parece uma versão mais jovem de mim, de quando eu ainda não havia pintado e mudado o cabelo, de quando eu ainda morava naquela casa. Mas isso era impossível, porque eu nunca soube andar de bicicleta. Eu era filha única e conhecia todos os meus familiares, e mesmo se eu não fosse filha única, mesmo se fossemos gêmeas, sempre reconhecemos a nós mesmos. É impossível confundir-se com outra pessoa. E ela era igual a mim. O jeito de se mover, o jeito de sorrir, aposto que até a voz seria idêntica à minha, aposto que ela estudaria na mesma universidade e moraria na mesma casa, até a camiseta que usava era igual a uma das que eu deixara para trás. Mas isso não fazia o menor sentido. Eu não visitava aquela casa há quase seis anos, mas era impossível que outra versão de mim mesma tivesse ficado por lá, enquanto eu fora embora. Completamente absurdo.

Ela para no fim da rua, despede-se dos amigos e começa a voltar. Se antes eu estava começando a me acalmar, agora eu estava em desespero. Volte, digo ao motorista, você precisa voltar, rápido, temos que chegar lá antes dela. Enquanto ele faz a volta, penso na pior possibilidade: eu não conseguiria fazer a mudança a tempo. Talvez o caminhão ainda nem tivesse chegado lá, talvez ninguém me reconhecesse e não me deixassem pegar minhas próprias coisas. Eu viajara mais de dez horas, depois de todo esse tempo tentando superar minha tentativa de suicídio naquele lugar, só para pegar todas as minhas coisas e acabar de vez com esse drama de inconclusão que consome meus dias e...

Era isso, tinha que ser isso. Eu tinha morrido naquele dia e tudo que aconteceu comigo desde então foi ilusão. De qualquer forma, eu tinha deixado que todos que me conheciam naquele lugar pensassem que eu tinha morrido. Aquela minha outra versão nem sequer tentara tomar uma pilha de remédio daquela caixinha e estava lá vivendo perfeitamente. Não havia ninguém no banco de trás daquele táxi!

Mas eu estava lá, eu conseguia ver meu próprio reflexo, e o motorista dobrava exatamente na esquina que eu o mandara dobrar, apesar de nada parecer familiar. Olho o taxímetro e cato o dinheiro da bolsa antes mesmo que o carro consiga parar. Saio do banco de trás cambaleando e bato a porta antes que ele pudesse estacionar. A chave treme em minha mão e quase cai no chão, agarro-a no ar e fico, o que parecem séculos, tentando acertar o buraco da fechadura. Bato o portão atrás de mim e ele se tranca por causa daquelas fechaduras que só abrem se você tiver a chave. Corro até a porta enquanto cato a outra chave que a abriria, mas ela não está trancada, na verdade, sua fechadura está torta de um jeito que parece ter sido arrombada. Empurro-a para o lado de dentro e espero que meu gato esteja lá dentro. Espero que mie ao me ver, já que, como nunca saíra de lá e ele ficara morando com ela e não comigo.

Mas não há gato. A casa está em silêncio e tem cheiro abafado. Estico a mão e acendo a luz com total relutância em todos os meus atos. Entro, analisando aquele cubículo que um dia chamara de lar. Ando direto até a caixinha de remédios em cima da estante e a abro. Ela contém alguns medicamentos, mas nenhum

daqueles compridos fatais. Aquele lugar não parece estar desabitado há anos. Parece muito bem conservado, para falar a verdade. Eu não podia perder mais tempo. Começo a ensacolar tudo o que estava solto pela casa e a levar em direção à porta para facilitar a saída. Forço-me a ignorar algumas coisas que eu tinha quase certeza de que não estavam ali antes. A memória começa a falhar depois de um tempo, certo? Até mesmo se você não se lembra de ter comprado algo, ou até mesmo quando você sabe que as coisas deviam estar empoeiradas e estragadas? O nó na garganta fica tão apertado que já não é possível conter as lágrimas.

Ouço o rangido familiar do portão abrindo. As lágrimas cessam quase no mesmo instante. Abro o armário de baixo do microondas da cozinha e tateio em busca do facão que sempre deixara lá. Minha mão alcança uma lâmina fria. Algumas coisas ainda permaneciam completamente iguais. Corro até a entrada, chutando todas as sacolas para fora do caminho, escondo-me atrás da porta e apago a luz. A garota da bicicleta gira a maçaneta e empurra a porta mais para dentro, tudo à sua vista pareceria igual. Eu não respiro. Ela entra, como eu sempre entrava, empurrando a porta atrás de si. Esfaqueio-a pelas costas e o sangue gruda em seu cabelo castanho e liso, ele cheira igual ao meu. A garota grita e um humor inesperado me atinge: sua voz era mesmo idêntica à minha. Caída de bruços no chão, ela morre e eu me sento ao seu lado, aliviada.

O caminhão de mudança buzina na frente da casa, vou até o portão e peço para que esperem um minutinho, que já os chamo. Corro de volta para a casa, a garota jaz morta no chão, o sangue espalhado pelo carpete, a bicicleta escorada na parede do lado de fora. Em uma curiosidade mórbida, viro seu rosto para conferir como fica meu próprio rosto sem vida.

Solto um urro sem poder me controlar e tapo a boca no mesmo segundo. Aquela garota não se parece em nada comigo. Na verdade, eu não me pareço em nada com a pessoa que eu era: meu reflexo no espelho da sala condena meus cabelos brancos e minha pele velha. Não temos nada a ver uma com a outra, mas eu a conheço. Agora eu a distingo com clareza. Eu sentira mesmo falta de algo quando o motorista do táxi virara a esquina. Aquela tenda na calçada não estava mais lá, e a garota que morava nela, aparentemente não morava mais na rua, aparentemente tinha se apropriado de uma nova vida, roubado minha antiga face. Uso a mesma faca para arrancar o carpete, arrasto a garota da bicicleta até a sapateira e a acomodo lá dentro. Eu nem precisava daquele móvel, no fim das contas.

Já posso riscá-lo da lista.

Bibiane Ferreira

Bibiane Ferreira é escritora e atriz, natural de Vacaria (RS), e sempre foi apaixonada pela literatura e pelo cinema de terror, gêneros que se manifestam em sua escrita perturbadora e insólita. Graduada aos 19 anos em Escrita Criativa pela PUC-RS, a autora já participou de antologias de poesia e curtas independentes.

KŌSHIN

Vitória Vozniak

Cortinas vermelhas bruxuleiam e contrastam com as ondas de escuridão inconstantes. O cheiro de mogno percorre as narinas e preenche os pulmões. Não há a necessidade de respirar, mas o hábito permanece. Evellyn encontra-se submersa em seus pensamentos. Demora o tempo que acha necessário para acordar. O relógio insiste em mais uma badalada. O preciosismo inglês torna-se um novo pensamento. Sabe que não há mais um mordomo. Perdeu seu amigo para as más ideias. Stuart traiu-os e, por isso, morreu. Um ato humano.

Seu mestre, Aramis, também morreu. Mas essa morte foi diferente. Sabem que são eternos, e por isso espera seu retorno. A noite agita-se e sempre há trabalho a fazer. Sabe que não pode permanecer onde está. Os seres que no mundo habitam precisam dela. Seja para viver. Seja para morrer.

Nesta noite, sente que algo a acompanha. Uma presença etérea. Levanta a tampa que a separa do mundo exterior e abre seus olhos. Combinam com as cortinas que escolheram para seu aposento. Há muito não se sente em casa, e nem mesmo sabe quem as escolheu. São bonitas, e por enquanto, isso basta. Move seu corpo em direção a elas, abrindo-as com suavidade. Percorre a vista com seus sentidos, procurando. Fixa-se na lua e sente o albedo proporcionado pelo pouco reflexo do sol.

Ouve o chamado no aposento principal de Sir e, em instantes, prontifica-se para atendê-lo. Bate uma vez na porta e o espera. Sir está acostumado que as respostas cheguem antes de suas perguntas. Evellyn é diferente. Ainda possui algumas delicadezas. Abrem a porta, ela entra e posta-se ao lado de seu chefe. Uniformizada, se diz pronta para o trabalho. Dessa vez, é ele quem demora. Passa as mãos pelos enormes cabelos e deixa-os escorrer para o lado, refazendo uma mecha que cobre parte de seu rosto. Quando se move, seus óculos refletem uma luz que finca nos olhos de quem o observa.

— Estação Paddington, casal de vampiros, categoria D — ele revela.

Esperando mais localizações, Evellyn permanece fixa. Se não fosse sua respiração, pareceria uma estátua, devido ao tom de granito acinzentado de sua pele e a capacidade de permanecer inumanamente imóvel.

— Tem mais. Hoje, vista-se como uma civil. Quero que observe o movimento. Misture-se entre os vivos. Faz tempo que não vive como um. Volte mais tarde.

Evellyn pisca pela primeira vez, desde que levantou. Vira-se para o lado oposto de Sir e permanece um tempo em silêncio. Volta sua cabeça em direção ao chefe e olha para baixo, enquanto responde:

— Obrigada.

Um baú centenas de anos mais velho que ela está em sua frente. Continua se perguntando quem deve arranjar esse tipo de coisa. São sempre bonitas, raríssimas, exatamente como nos textos que já leu sobre Lord Ruthven, Christabel, Varney e tantos outros. Quando se lê tantas versões sobre vampiros e se é um, não é muito fácil saber o que é verdade ou não. É como na antiguidade, que se descobria se algo era venenoso ao prová-lo.

Ao abrir o baú, encontra ali suas antigas roupas. Pega a primeira peça e suspende em

frente ao seu uniforme. É uma saia colegial, com padrões xadrez vermelho e verde. Dobra-a e a deixa ao lado. Pega uma nova peça e repete o processo. Uma blusa branca, com botões dourados e pequenos bolsinhos. Acha-a muito delicada para a missão. Lembra-se que algo pode esguichar nela. Nunca se preocupou muito com isso, percebe agora. Seu uniforme sempre voltava bordô, mesmo quando usava a versão vermelha. Gostava de esmagar cabeças, de ver escorrer todo aquele líquido. O gosto sempre lhe pareceu familiar.

Olha de volta para o baú e tenta se lembrar da última vez que usou aquele conjunto. Ainda era virgem, pensou. E bem, continua assim. Desde que Aramis a transformara, não havia visto mais ninguém. O tempo está passando e ela ainda está nessa estrutura jovem, presa naquele tempo. Sexo não é uma prioridade quando seu corpo morre e volta com os sentidos aguçados e encontra outros tipos de prazeres carnais.

Pensa na proposta de Sir e entende que precisa disso. Até então, em sua vida e pós-vida, o outro é sempre um perigo. Sente medo do encontro, da presença de qualquer ser que não seja ela mesma. Tudo continua a ser uma ameaça. A diferença é que agora ela pode andar por becos escuros sem a possibilidade de ser fisicamente machucada. Mas a apreensão e o nojo continuam. Sabe de como seu invólucro chama a atenção e não gosta da maneira como confirmou isso. Uma vez, Sir teve a ideia imbecil de a mandar para caçar inimigos da Instituição que eram pedófilos, e apesar de ter o poder de matá-los, se sentiu intimidada e enojada pelo olhar que eles tinham por ela. Não queria estar naquele lugar novamente.

Resolve escolher um conjunto em que pareça mais adulta. Manda a imagem mentalmente para um dos chamados colaboradores da Instituição que é encarregado de cuidar das suas necessidades e espera a encomenda chegar. Como eram os outros vampiros de sua classe? Todos deveriam ter essa aparência jovem? Se sim, não era uma concepção muito católica a de que a virgindade é sinônimo de pureza? Pelo seu escasso conhecimento, os vampiros existem desde muito antes da invenção dessa outra instituição, mas também não conhece particularidades das outras religiões e sociedades para dizer que isso é um pensamento estritamente católico. Sua teoria é de que as características dos vampiros mudam conforme suas crenças, cultura e percepção do que eram tais criaturas quando foram transformados em tal. Ou seja, seu mestre tinha grandes chances de ser um puritano. E quem sabe, também, um pervertido? Pois normalmente se é virgem quando novo, o que significa que ele só pode transformar menores de idade, ou até crianças e bebês. Ou monges? Ah, é bem provável que antigamente deveria ter existido todo tipo de virgem, e leu em uma notícia que em alguns países a idade das virgens é cada vez mais alta. Sem contar que se o seu mestre é vampiro, e ele aparenta ser bem velho, existem outras formas de transformação. Se bem que antigamente as pessoas aparentavam ser muito mais velhas do que eram. Aos 30, já eram avós. Em pouco tempo, sua mente viaja por todo tipo de assunto. Para um vampiro, o tempo parece ser bem mais relativo do que para um humano. Em apenas um minuto, ela pode ter pensamentos equivalentes ao que um humano teria em uma hora, ou pode aquietar a mente e dormir por cem anos. O problema é que ela não sabia muito bem como controlar isso.

Sua cabeça começa a doer de tanto pensar e ela tenta se acalmar, para não ficar ainda mais ansiosa. Mesmo que ela pudesse se aprontar em segundos, ou mesmo fazer a tarefa bem mais rápida que os humanos, para algumas coisas ela gostava de fazer no tempo mais regular, até porque, apesar de rápida, ela tinha uma eternidade pela frente, e ambas as coisas misturadas poderiam levar à loucura, o que explicava os sonos centenários de alguns de sua classe, principalmente os logo acima dela. Ouve alguém subindo as escadas e espera baterem em

sua porta. Caminha até ela e traz a encomenda para dentro. Escolhe que vai vestir uma calça social preta, feita em alfaiataria, e uma blusa de igual tom. Olha para o quarto à procura de um espelho. Nota que não há nenhum, e se dá conta de seu erro recorrente: mesmo que tivesse, ele não a refletiria. Sabia que ela não refletia em espelhos pois descendia de Aramis, e em sua época os espelhos continham uma película fina de prata atrás do vidro, e era isso que impedia que vampiros como ele tivessem sua imagem refletida. Mesmo que hoje eles não possuam mais essa camada, ela herdou essa característica. Quando quer ver como está, costuma recorrer ao celular, pois aparece no modo selfie, o que acha uma besteira, pois isso sim é ruim e permite que ela seja filmada ou fotografada.

Calça sua bota de combate, item que, embora um pouco destoante do conjunto, não pretende mudar. Parte em direção à porta, deixando todas as suas armas no aposento. Caminha devagar pelo corredor, ouvindo pela mansão seus companheiros, que se preparam para diversas missões. Presta atenção em suas respirações, em como se agitam a cada passo, se perguntando sobre quais deles vão voltar vivos. Desce a escadaria principal e encontra Daniel, um de seus colegas de batalhão. Ele a encara de cima a baixo, demorando nos pés. Enfim, fala:

— Tenho a melhor das missões hoje.

— E qual é?

— Primeiro, vir aqui entregar sua ID e algumas notas. Você vai precisar.

Evellyn o encara, mas logo abre um sorriso em resposta.

— E para quê?

— Para me pagar uma bebida no fim do turno, ora.

Os dois ficam um tempo se sorrindo. Daniel continua:

— Logo na saída da Estação Paddington existe um pub. Você vai saber qual é.

Ela pega a ID e as notas e coloca em seu bolso. Pergunta antes de sair:

— Que horas?

Daniel mexe com a cabeça para cima, depois para os lados e responde:

— O quanto antes. Eu não demoro, Eve.

Sangue sobe pelas suas veias e preenche a região das suas bochechas, esbanjando leves rosáceas que contrastam com sua pele cor de lápide. Gosta de como ele pronuncia esse apelido. Sente como se fosse humana, próxima de seus colegas. De seu batalhão. Daniel já a viu em combate, e sabe como ela pode ser violenta, arrancando membros e os engolindo. E ali estavam os dois, marcando o que seria seu primeiro encontro.

Ela se aproxima de Daniel e sussurra:

— Ok, Dany.

☠

Evellyn consegue sentir a energia inquieta do casal. São de uma categoria muito baixa para que notem sua presença, mesmo que no mesmo ambiente. Gosta de testar as habilidades e de fazer perguntas aos semimortos que encontra, mas quer terminar logo a missão e ir direto para o pub, que não fica muito distante dali. Imagina que Dani também já esteja terminando a sua. Isso de ter que parecer algo normal para os humanos é muito irritante. Claramente naquele prédio caindo aos pedaços são poucos os que estão sãos em uma noite de sexta-feira, e barulhos de tiro são constantes na região, ponto de disputa por traficantes. Até que o casal tinha achado um bom ponto de esconderijo, mas tinham sido imbecis o suficiente para se alimentar perto de casa, ainda mais com a qualidade do sangue por ali. Mas, em uma sexta à noite, os lugares com os piores sangues são justamente os bairros mais nobres, igualmente infestados de drogas.

Decide entrar pela janela e caminha pela parede de tijolos à mostra do lado exterior do prédio. Exprime o máximo da sua delicadeza ao abrir a janela sem fazer barulho, entra e a deixa trancada pelo lado de dentro. O

apartamento está com as luzes desligadas, o que demonstra que apesar de serem Ds, o casal consegue enxergar no escuro. Observa que ambos estão localizados na cozinha, sem estarem armados. Caminha em suas direções, agora não mais preocupada em ser silenciosa. É notada por ambos, que se viram e logo mostram suas presas, como forma de ameaça.

— Hey, gat...

Antes que um deles tenha a oportunidade de terminar a segunda palavra ela atravessa suas mãos pelo corpo de cada um, arrancando com um único golpe seus corações, que saem pelas costas. Tem uma ideia e resolve levantar os dois braços, ainda com os corpos, empalando assim os, agora, mortos. Se concentra em absorver o sangue deles por sua pele e, conforme vão sendo absorvidos, ela observa os corações ainda em suas mãos e acha bonito o tom de vermelho. Se pergunta se deveria ter pintado as unhas. Será que ainda achavam que pintar as unhas de vermelho era coisa de puta? Será que os outros vampiros são conservadores? Devem ser, pelo estado atual do mundo. Em seguida, coloca em prática outra técnica favorita, incinerando os restos de ossos, unhas, roupas e outras partes não comestíveis. Missão comprida. Janta feita.

Caminha até o pub tentando manter uma pose descontraída, normal, só mais uma pessoa indo beber e festejar. Logo na entrada, pedem sua ID, e se sente animada por finalmente fazer o gesto de demonstrar que é permitida naquele ambiente. A roupa ajuda a camuflar a questão da idade, mas seu tom de pele é notável, dependendo do tipo de iluminação do ambiente. Dany escolheu bem o lugar, pois o pub utilizava lâmpadas vermelhas, e tudo emanava tons de carmim a bordô. Sentou-se em uma cadeira alta de frente para o balcão. Humana ou vampira, nunca soube como se comportar em meio a pessoas bêbadas em um bar, e imaginou que possuir os sentidos aguçados nesse ambiente não era muito positivo.

Sente que alguém a observa fixamente e sente a dúvida de um humano. Percebe que deve estar sentada perfeitamente, sem respirar, estática. Então, arqueia o corpo alguns centímetros para frente, mexe as costelas em um vai e vem e deixa um dos ombros mais caído que o outro. Ainda nota a dúvida no humano, e então, pega o cardápio e pede uma porção de batata com molho de alho. Ela sente que ele a observa até chegar o aperitivo, então ela se vira de lado, garantindo que seus atos sejam vistos por ele, enfia uma batata no molho e coloca na boca. Mexe os maxilares e engole aquilo. Talvez alguns vampiros realmente não pudessem comer alho, mas pelo menos ela não precisaria abrir mão dessa iguaria. Por mais que fosse saboroso, a comida não permanecia muito tempo no organismo e era devolvida. Ou seja, vampiros não cagam, o que ela imagina que deve facilitar muito o sexo anal. Tá, longe demais. Mas é que vampiros tem muito tempo livre, e isso leva a todo tipo de pensamento besta. Ou era apenas ela que pensava essas coisas, pois eram tudo suposições. Achar um vampiro da sua categoria, e isso lhe soava muito elitista e militar, era muito raro. E achar da categoria acima dela, a A, que coincidia de também ser a letra inicial de seu criador, era, até então, impossível.

A dúvida do humano se esvai e ela acha engraçado que algo como alho ou passar por água corrente possa livrar ela de problemas, ainda que espelhos não. Todo esse pensamento começa a pesar em sua cabeça, pois entende que está tentando se distrair pelo fato de que Dany não está ali. Fica imaginando se na verdade ela não entendeu errado e Sir usou seu colega de batalhão como uma desculpa para fazê-la sair na noite e se acostumar a se disfarçar entre os vivos. Ou então, que ele tenha desistido do encontro e achou arriscado tentar algo com alguém como ela. Então, pega o celular e procura por mensagens. Nada, ele não ligou. O tempo é relativo, ainda mais para um vampiro, e agora ele estava sendo cruel com ela. Se encontrava novamente com

seus pensamentos, suas memórias. Novamente sozinha.

Permanece ali, na cadeira, mexendo nas batatas, ora colocando uma na boca, depois outra, continua mexendo as costelas, vez ou outra percebe que deve mudar a perna de lugar, coloca seus pés de encosto na madeira do balcão, vai ao banheiro vomitar as batatas, volta ao banco, mexe as costelas, escuta as conversas dos outros, lê seus pensamentos. Observa casais se formando, beijos, esfregações, conversas sussurradas nos ouvidos, as cadeiras vazias.

Está observando a mudança sutil na coloração ambiente quando ouve o bip do celular. Observa a mensagem de texto: um emoji de morcego. É o símbolo que Sir usa quando é para ela voltar o quanto antes para a mansão. Sente raiva, uma das coisas mais humanas, deixa uma nota no balcão e nem se preocupa em disfarçar, desaparecendo do ambiente e chegando na porta da Instituição. Ao entrar, encontra Sir segurando uma medalha em um cordão. Ele está com a mesma expressão de sempre. Não quer ouvir o que ele tem a dizer e se encaminha direto para seu quarto, se trancando em seu caixão. Como Sir pode ser tão babaca e insensível, mandando a porra de um emoji? Como que os homens de sua vida podiam ser tão imbecis? Por que seu mestre a deixou sozinha? Por que ele não volta logo? Quando ele vai voltar? Perguntas continuam surgindo em sua mente enquanto sente escorrer um líquido por seu rosto. Então descobre a verdade sobre mais um dos mitos relacionados com sua nova existência: vampiros realmente podem chorar.

Vitória Vozniak

Possuo graduação em Comunicação Social e graduação e mestrado em Escrita Criativa. Gosto muito de escrever poesia, diários e contos de ficção especulativa. Até poderia dizer minha especialidade na área acadêmica, mas acho mais importante dizer que: Tudo passa, menos a vontade de ser vampira. P.S.: ficar tanto tempo sozinha em quarentena me deixou mais corajosa para fazer piadas ruins. No mais, desejo toda saúde e força nesses momentos tão difíceis. Apesar de tudo, espero que a literatura sempre ajude de alguma forma.

A MALA

William Fontana

Aquilo seria aparentemente uma mala nada incomum para mim, Jones Pierson. Mas fosse qual fosse seu conteúdo, tinha valor o bastante para que meus serviços fossem solicitados. Conhecido no mercado negro pela discrição e a capacidade de transitar entre a cidadania e a clandestinidade de modo invisível, minhas habilidades e contatos com toda a rede do submundo eram requeridos para a missão. A dificuldade era inusitada: ter que penetrar no setor laboratorial de um edifício de segurança máxima e furtar a dita mala, a qual as referências das imagens traziam uma conotação pouco relevante.

Passei quatro meses estudando as plantas do prédio, treinando o pessoal da equipe e planejando tudo detalhadamente para que reduzisse a margem de erros e potencializasse as chances de sucesso. Contatos foram feitos por funcionários lá colocados na limpeza apenas para acompanhar a rotina de perto, passando informações valiosas sobre as melhores oportunidades, movimentação e como agiam os demais funcionários daquela empresa de alta tecnologia.

Sabíamos que no setor em questão estava sendo desenvolvido um suposto computador ternário que associava tecnologias neurais e fotônicas no processamento; no entanto, não fazíamos a menor ideia do conteúdo da pasta, afinal, eu era pago extremamente bem e tinha todo suporte e logística por um motivo simples: não fazer perguntas e não me expor, assim como os contratantes. Sabia, no entanto, que caso fosse descoberto, um implante cerebral dispararia um sinal instantâneo para que as memórias da missão fossem apagadas, não deixando qualquer possibilidade de entregar os contratantes ou membros da equipe. Assim, ainda que sob truculento interrogatório à moda da insidiosa CIA — a qual fazia eventuais serviços no luxo, viajando pelo mundo com belas mulheres, tanto em noitadas em Ibiza como em Los Angeles e Panamá — não passaria quaisquer dados. Ainda assim, sabia que os riscos eram enormes, mas, com o grande salário recebido, e como eu levava uma vida de a motivação financeira era um propulsor que garantia a minha fidelidade com os contratantes que, muitas vezes, nem eram conhecidos, senão por codinomes.

Após meses de treinamento e de ficar fora de ação por quase dois anos, havia chegado o dia da invasão. O horário estipulado seria à meia-noite, quando saltaria de parapente de um avião e, planando, pousaria no terraço do prédio.

Logo, prossegui com o salto. Não tive dificuldade para pousar e esconder o paraquedas. Com todo o suporte, o sistema de vigilância remota fora invadido por um hacker, que gerou imagens falsas em loop do terraço, que era o lugar menos monitorado do prédio, pois não se acreditava em Homem-Aranha (ou muito menos que um homem caísse de paraquedas lá). Assim, usando as credenciais clonadas fornecidas pelo funcionário infiltrado na limpeza — ainda que o sistema registrasse a incongruente entrada do "clone" pelo terraço — obtive êxito. Como essa anomalia no sistema limitaria meu tempo de ação, eu teria apenas 20 minutos para entrar no setor e localizar a mala almejada no ponto designado pelos contratantes desconhecidos.

O procedimento seria relativamente simples: localizar e pegar a mala, retirar-me do setor de segurança máxima e jogá-la no coletor de lixo, para ser pega no depósito do térreo por outros dois membros da equipe. Para fugir, eu retornaria ao terraço e, por tirolesa, alcançaria o prédio vizinho

Caso fosse pego, não faltariam provas para uma condenação por invasão de propriedade, espionagem industrial, invasão de sistema, falsidade ideológica e furto. Ainda que ciente dos riscos, não somente jurídicos, mas de integridade física, eu seguia friamente, pois havia treinado para condicionar meus músculos. Infiltrava-me em cada andar, ciente da localização de todas as portas, câmeras e sensores, de modo que cada movimento meu era comedido no compasso certo. Quando adentrei o corredor que levava ao setor laboratorial, como as câmeras foram colocadas em loop de imagens, havia 2 minutos para passar e abrir a porta antes que o sistema normalizasse.

Como veterano, eu era pragmático e objetivo, então, se os fins fossem produtivos (ainda que não para todos), pouco me importavam os meios. Como mercenário, a motivação financeira me compelia a um duplo padrão moral, já que, eventualmente, era obrigado a matar para neutralizar testemunhas inocentes ou potenciais riscos à missão.

Confesso que, no início, era um perfeito idealista. Ao me alistar no exército, almejava tornar o mundo melhor e livre de terroristas, mas, à medida que meus dotes físicos e bravura me levavam a façanhas, fui subindo de cargo e patentes até que, certo dia, descobri que uma missão que realizei sem questionamentos ceifou a vida de inocentes pelo simples azar de testemunharem o tráfico de drogas que ocorria a mando do capitão. A descoberta de que eu contribuíra com a missão de "queima de arquivos" me revoltou; porém, ainda que eticamente assolado, aceitei o suborno. Esse episódio me iniciou no submundo de conspirações, tráfico internacional de informação, armas e drogas — nada era o que parecia. Foi assim que, ao perceber que os terroristas poderiam ser nossos próprios superiores, me tornei quem sou hoje.

Agora, lá estava eu. Em uma enorme sala branca, onde a tecnologia de ponta destoava da pasta — o alvo de meses de trabalho. Havia máquinas e processadores com luzes cintilantes, interconectado por grandes cabos, por todo lado; grandes monitores apresentando gráficos estatísticos desconhecidos à minha especialização. Essa sala era uma incógnita, mas, condicionado ao acrítico, não perdi o foco no objetivo: peguei a mala e deixei o setor laboratorial, dirigindo-me ao coletor de lixo, conforme o planejado.

No caminho, tive uma estranha sensação de déjà-vu, fiquei tonto e me agachei, pondo as mãos sobre os joelhos e recostando na parede enquanto recebia o sinal de confirmação do loop da câmera de monitoramento. De modo involuntário, fitei a mala e o nome que vi inscrito deixou-me perplexo: Jones Pierson — meu nome.

Consternado, pensei se tratar de uma cilada. Fitei melhor a inscrição: Abrir em caso de roubo.

A tontura aumentou, e engoli em seco. Corri para outro canto, onde estava o coletor de lixo, e abri a mala. Havia um único envelope, endereçado para minha própria pessoa, contendo uma carta e um chip. Nele, os projetos codificados para a construção da parte receptora de uma máquina que transmitiria dados através do tempo, utilizando-se de tecnologia quântica. Tomado de uma inexorável curiosidade, me senti impelido a abrir a carta, como se não mais possuísse livre arbítrio.

Olá, Jones Pierson, por mais incrível que pareça, esta carta foi escrita por mim mesmo. Você deve estar confuso, o que é compreensível, já que nunca usou o dispositivo de anulação de memória, e explico o motivo. Eu sou você do futuro. A evolução da ciência tornou possível não somente o processamento quase instantâneo de dados, mas a capacidade de enviar informações para o passado através de um avançado apuro quântico que utiliza atalhos proibitivos por dimensões além da realidade; ou seja, um terminal de transmissão interdimensional de informação quântica. É preciso libertar sua mente à toda amplitude do tempo e suas variáveis. Depois que concluir a missão e entregar o chip aos contratantes, me tornarei o maior traficante de informações — e não somente de meu tempo,

como você bem percebe; no entanto, devo confessar, não gosto do que me tornei.

Você recebeu esta mensagem em um receptor de dados interdimensionais de criptografia quântica. Por esta carta, te faço um apelo: desista das areias da mentira. O contrato com o futuro terá seu equivalente depósito em moedas virtuais. Pague os seus e viva uma vida distante disso tudo, pois, ao romper a linearidade, percebo finalmente que os fins não justificam os meios. Você está sendo agraciado com uma segunda chance.

Fiquei perplexo ao saber que tinha o futuro em minhas próprias mãos. Caso entregasse o chip, os projetos levariam à construção ilícita da máquina, o que desencadearia uma guerra de informação nas próximas décadas. Engoli em seco pela segunda vez, ciente de que, ao abrir a carta, poderia causar a morte de muitas pessoas e o nascimento de outras. O conhecimento transmitido também alteraria a realidade, além de seu uso antiético poder criar dilemas morais impensáveis, à medida que a tecnologia conseguisse retroceder no tempo até o primeiro receptor quântico. Eu tinha a chance de mudar tudo isso.

Ao terminar a missão, acessei os dados do chip. Fitando os projetos da máquina e os dados de notícias do futuro, resolvi fazer o que era eticamente correto. Queimei as informações do chip e apaguei minhas memórias. No dia seguinte, alheio ao que ocorreu, segui a vida desistindo de tudo aquilo, mas sem saber que, em alguma dimensão paralela, o outro eu ainda permaneceria amargurado pelas escolhas que fizera.

William Fontana

William Fontana é o pseudônimo de Gerson M.A., fotógrafo, autor, teólogo, filósofo e pedagogo por formação. Portador da Síndrome de Asperger com superdotação (Qi 163), trabalhou em eventos culturais nas Lonas Culturais no Rio. Posteriormente, trabalhou na Rede Globo como fiscal de figuração na novela Avenida Brasil. É membro votante do Plano Estadual do Livro, Leitura, Literatura e Bibliotecas do Rio de Janeiro, membro do Clube de Leitores de Ficção Científica e da Sociedade de Artes de São Gonçalo. Escreveu artigos para revistas e teve mais de 20 contos selecionados e publicados em diversas plataformas. Também foi finalista de diversos concursos literários. Tem 27 livros escritos e dois publicados, *Adormecidos* e *Síndrome celestial*.

A literatura não está somente na palavra escrita. Aqui na Literomancia, consideramos literatura todos os tipos de narrativas. Quadrinhos e tirinhas contam histórias e encantam aos leitores tanto quanto contos e romances. Da mesma forma, ilustrações e desenhos carregam complexas narrativas e segredos em cada pincelada, seja o pincel feito de cerdas ou pixels.

Nesta edição

Desta vez, a Literomancia trouxe dois ilustradores bem diferentes. Flavio Capi, que é professor, ilustrador e escritor, cria narrativas profundas em preto e branco, brincando com as sombras e a luz. Já Aline Bischoff, ilustradora e escritora, trabalha com cores, reflexos e brilhos, traçando muitos detalhes vívidos em seus desenhos. Confira a seguir!

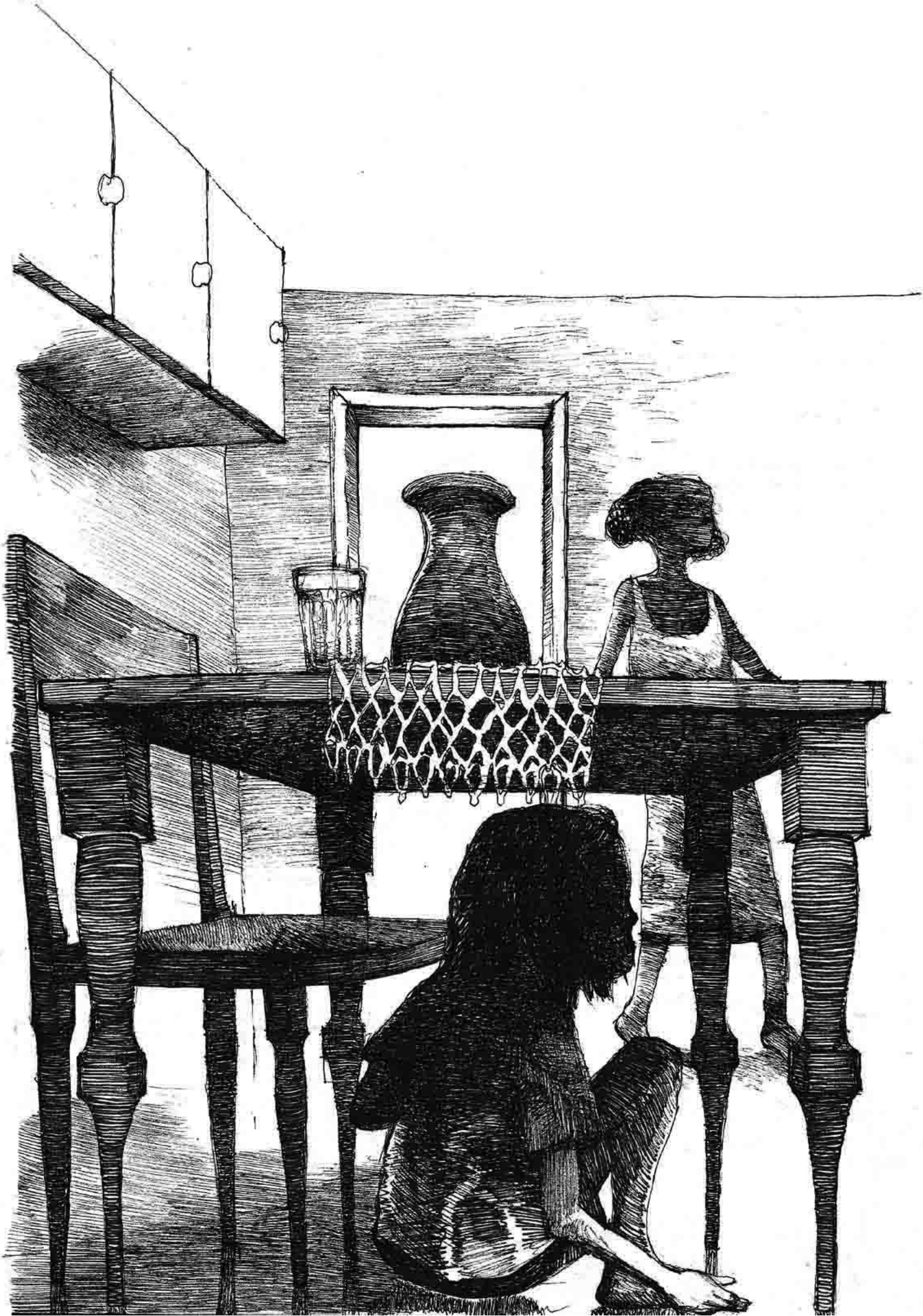
Clique aqui e envie sua arte!

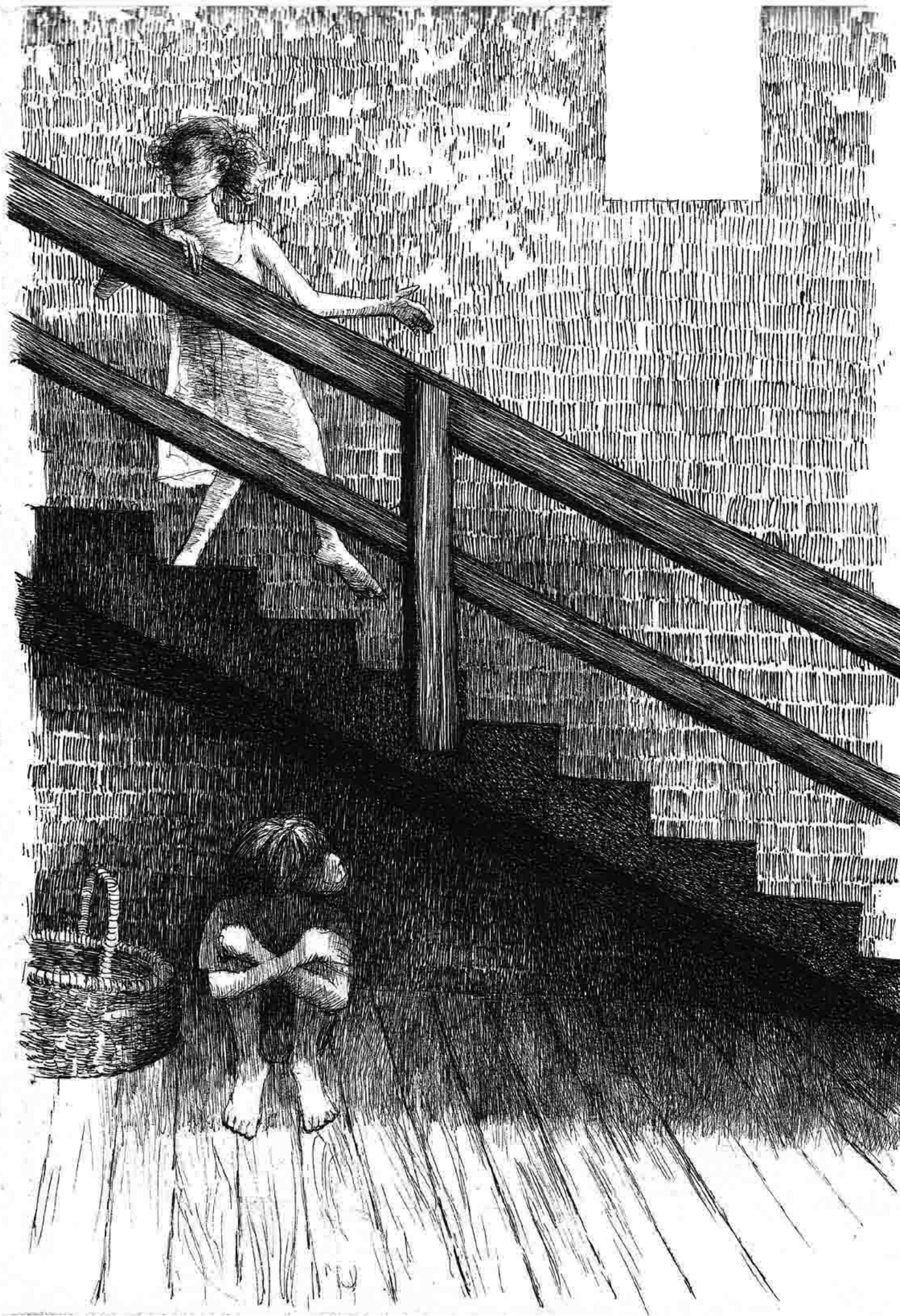
FLAVIO CAPI

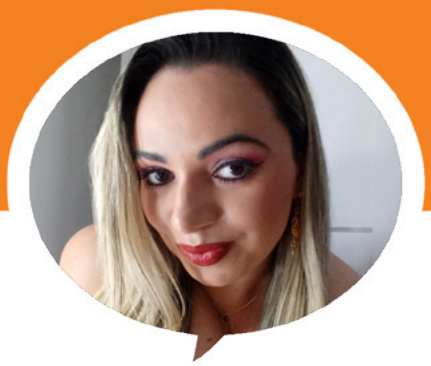
ILUSTRADOR E PROFESSOR

Flavio Capi é paulistano e trabalha há vinte anos como professor de artes. Nas horas vagas, produz ilustrações e narrativas visuais. Já publicou suas imagens em quatro obras literárias voltadas para o público infantil, sendo também o autor da história em duas: *Melhor Amigo*, pela Editora 34, e *Jardim Atlântico*, pela SESI Editora.

A seguir, confira algumas das artes de Flavio Capi!







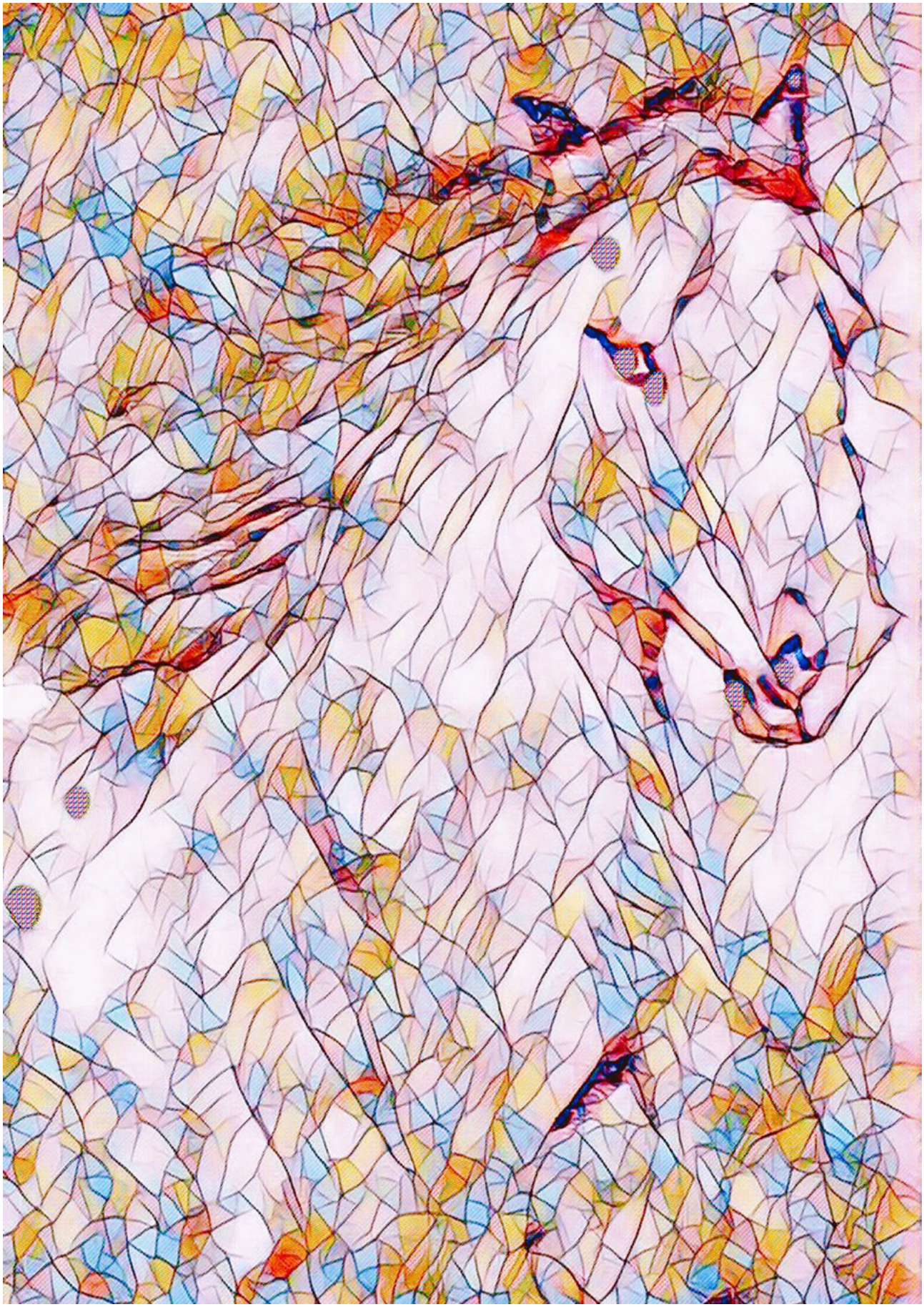
ALINE BISCHOFF

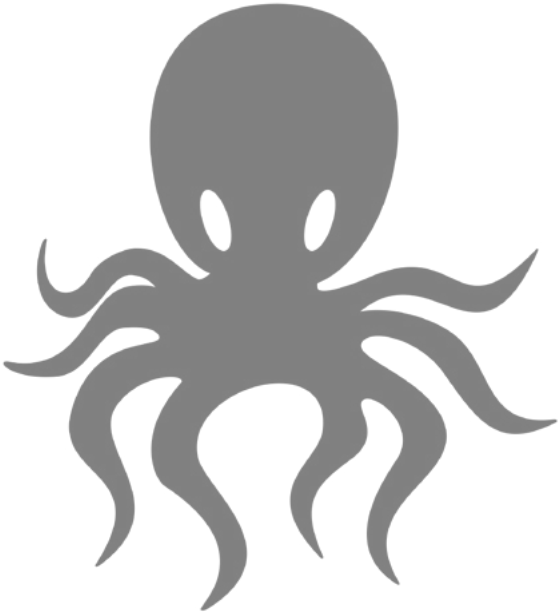
ILUSTRADORA E ESCRITORA

Aline Bischoff é paulista e atua em diversos segmentos artísticos. Na literatura, atualmente possui dois livros de poesias escritos, intitulados *Estrela Vespertina* e *Clarão do Luar*. Também atua como desenhista, ilustradora digital, designer gráfica e fotógrafa. Sua obra mais recente publicada é o livro infantil *O Violão Sem Cordas*, pelo Espaço Cultural Marizeth Maria, onde assina como coautora da ilustração.

A seguir, confira algumas das artes de Aline Bischoff!

contato@alinebischoff.com





Literomancia

contos

quadrinhos

resenhas

ilustrações

e mais!

Volume 2 | Nº 7 | 2021